



Universidade de Lisboa  
Faculdade de Motricidade Humana



## **Relatório Final de Estágio realizado no Colégio Pedro Arrupe**

Relatório de Estágio elaborado com vista à obtenção do Grau de Mestre em Ensino da  
Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Orientador: Professor Doutor Miguel Pedro Fernandes de Almeida  
Fragoso Peralta

Júri:

Presidente:

Doutor Adilson Passos da Costa Marques, professor auxiliar com agregação da  
Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Vogais:

Doutor João Filipe da Silva Figueira Martins, professor auxiliar convidado da Faculdade  
de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Doutor Miguel Pedro Fernandes de Almeida Fragoso Peralta, investigador auxiliar da  
Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Tomás Carballo Marcelino

2022

## **Agradecimentos**

Tendo chegado ao fim deste período de aprendizagem enquanto me preparo para ser professor de Educação Física, chega o momento de agradecer àqueles que fizeram parte assídua durante este período de formação, que me transmitiram conhecimento e que globalmente me ajudaram e acompanharam ao longo deste trajeto.

Antes de mais, agradecer ao Colégio Pedro Arrupe por me receber com a maior das vontades neste período de aprendizagem e de formação enquanto futuro professor de Educação Física.

A todos os professores que integram o Departamento de Educação Física, pois receberam-me como um dos mesmos, pela integração fácil que proporcionaram, por toda a ajuda, conselhos, sugestões que me transmitiram e pela diversão, brincadeiras e conversas que surgiam em grupo e como forma de descontração.

Em especial agradecer à Professora Rita Alves, por me ter acompanhado ao longo do ano letivo nas aulas de Educação Física e por toda ajuda, sugestões, liberdade e à vontade que me deu e colocou de forma que esta minha aprendizagem fosse o mais proveitosa possível.

De igual modo agradecer ao meu Professor Orientador do Colégio, o Professor André Gonçalves por tudo. Desde o início do ano sempre mostrou a sua disponibilidade e vontade de me ajudar a melhorar de forma progressiva nas diferentes áreas do estágio e por todos os conselhos que transmitiu, sendo que muitos deles ficarão guardados.

Agradecer ao Professor Orientador de Faculdade, o Professor Doutor Miguel Peralta, pela ajuda e acompanhamento durante este ano, principalmente na área 2 do estágio que foi bastante útil para a realização do mesmo.

Às minhas colegas de estágio por toda a ajuda, cooperação e trabalho de grupo que foi realizado ao longo deste ano de estágio.

Aos alunos do grupo C do 7º ano pelo caminho que fizemos juntos neste ano letivo e com quem tive o prazer de trabalhar.

Por fim, ao Treinador de voleibol, o Professor André Teles, pelo acompanhamento na área 3 do estágio, pelo conhecimento que me transmitiu sobre a modalidade e pelo à vontade e ajuda que sempre me proporcionou. Também às atletas que fizeram parte desta equipa, pelas brincadeiras, diversão e trabalho realizado e pela relação que criámos durante a época, ficando esta equipa com mais um fã.

## Resumo

O presente documento diz respeito ao estágio pedagógico realizado no Colégio Pedro Arrupe no ano letivo 2021/2022 no âmbito do 2º ano do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Motricidade Humana. Tem como principal objetivo realizar uma reflexão relativamente ao período em que ocorreu este estágio e em relação aos vários tópicos que incorporam o mesmo assim como às várias competências desenvolvidas. São apresentados e discutidos: a contextualização da realidade que experienciei ao longo deste ano, o planeamento, condução e avaliação, o tema escolhido pelo núcleo de estágio para o projeto de investigação, qual o papel que assumi dentro da equipa de complemento curricular, a ação de intervenção realizada, e o grupo que acompanhei em relação à direção de turma. Nesta reflexão, por cada tópico existente, irei efetuar uma análise relativamente ao que foi o meu desenvolvimento neste período, assim como uma apresentação das dificuldades que senti em cada fase e as soluções que me proporcionaram ultrapassar as mesmas. Durante as várias etapas de formação como de aprendizagem, minhas e dos alunos, respetivamente, ao longo do ano letivo foi possível observar um progresso constante, assim como uma superação de dificuldades, tanto da minha parte como futuro professor, como por exemplo, a possibilidade de em determinadas aulas ter de realizar adaptações, quer de espaços, quer de matérias a trabalhar nunca esquecendo as necessidades dos alunos e também a organização da aula especificamente sobre o momentos de instrução inicial onde preparava o que iria transmitir aos alunos de forma a que a mesma corresse bem e fosse de fácil compreensão para os alunos, como da parte dos alunos.

**Palavras-chave:** estágio pedagógico, planeamento, condução, avaliação, direção de turma, dificuldades, aprendizagem, experiência.

## **Abstract**

This document concerns the pedagogical internship carried out at Colégio Pedro Arrupe in the academic year 2021/2022 within the scope of the 2nd year of the Master in Physical Education Teaching in Basic and Secondary Education at the Faculty of Human Motricity. Its main objective is to reflect on the period in which this internship took place and on the various topics that incorporate it as well as the various skills developed. The following are presented and discussed: the contextualization of the reality that I experienced throughout this year, the planning, conduction and evaluation, the theme chosen by the internship nucleus for the research project, what role I assumed within the curricular complement team, the action of intervention carried out, and the group that I followed in relation to the direction of the class. In this reflection, for each existing topic, I will make an analysis of what was my development in this period, as well as a presentation of the difficulties I felt in each phase and the solutions that allowed me to overcome them. During the various stages of training and learning, mine and the students, respectively, throughout the school year it was possible to observe constant progress, as well as an overcoming of difficulties, both on my part as a future teacher, such as the possibility of in certain classes having to make adaptations, whether of spaces or subjects to work, never forgetting the needs of the students and also the organization of the class specifically about the moments of initial instruction where I prepared what I would transmit to the students so that they went well and was easy to understand for the students, as well as for the students.

**Keywords:** pedagogical internship, planning, conduction, evaluation, class management, difficulties, learning, experience.

## **Lista de Abreviaturas**

CPA – Colégio Pedro Arrupe  
PNEF – Programas Nacionais de Educação Física  
TTA – Tempo de Trabalho Autónomo  
PT – Professor Tutor  
DEF – Departamento de Educação Física  
PAT – Plano Anual de Turma  
PAI – Plano de Avaliação Inicial  
UE – Unidade de Ensino  
AI – Avaliação Inicial  
CT - Concelho de Turma  
PI – Projeto de Investigação  
ACC - Atividades de Complemento Curricular  
AVL - Associação de Voleibol de Lisboa  
DT - Diretor de Turma  
CL – Conselho de Turma  
CP - Concelho Pedagógico

## Índice

1. Introdução.....	1
2. Contextualização .....	2
2.1. O Colégio.....	2
2.2. O meu grupo.....	5
3. Quatro anos de formação colocados em prática .....	7
3.1. Planeamento.....	7
3.2. Condução .....	13
3.3. Avaliação .....	20
4. Contributo do modelo pedagógico inovador no CPA .....	26
4.1. Suporte científico .....	27
4.2. À Segunda é de vez .....	28
4.3. Metodologia .....	29
4.4. Apresentação dos resultados e conclusões .....	31
5. O caminho até aos nacionais .....	33
5.1. Treinos.....	34
5.2. Competição.....	35
6. Dia do desporto adaptado .....	37
7. Os primeiros alunos.....	39
7.1. Direção de turma .....	39
7.2 Estudo de turma .....	41
8. Conclusão.....	43
Referências bibliográficas .....	44
Anexos.....	47

# 1. Introdução

O relatório final de estágio foi realizado no âmbito do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário pela Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa e tem como objetivo realizar uma reflexão pedagógica relativamente às várias competências que foram desenvolvidas, assim como uma reflexão pessoal de todo o desenvolvimento do estagiário neste período de formação no Colégio Pedro Arrupe (CPA).

Durante este ano, consegui perceber e vivenciar em primeira mão o que é ser professor de educação física e todo o trabalho que envolve esta profissão. Falo de toda a preparação que antevê a realização das aulas, o conhecimento geral de todas as matérias trabalhadas e presentes no currículo (Planos Nacionais de Educação Física – PNEF) e o conhecimento específico de algumas, ou seja, aquelas que pratico ou que tenho um gosto maior em relação a outras. Assim, como é expresso por Mialaret (1981), qualquer professor de educação física deverá ter um conhecimento vasto e abrangente em relação às matérias que leciona ao mesmo tempo que consegue criar diversas situações de aprendizagens com a finalidade de os alunos se apropriarem das mesmas da melhor forma possível.

Ao longo do relatório, irei refletir sobre o desenrolar do meu percurso enquanto estagiário. Desta forma o relatório de estágio estará estruturado da seguinte forma: irei começar por contextualizar a realidade que experienciei ao longo deste ano, expressar-me-ei sobre o planeamento, condução e avaliação que apliquei especificamente ao meu grupo, apresentarei o tema escolhido pelo núcleo de estágio para o projeto de investigação, o papel que assumi dentro da equipa da atividade de complemento curricular, a ação de intervenção realizada tendo em conta as características do CPA, falarei sobre o grupo que acompanhei em relação à direção de turma e terminarei o documento com a conclusão e com as referências bibliográficas.

Algo que será realizado ao longo do documento será a inter-relação entre os vários tópicos e a forma como consegui relacionar os mesmos ao longo do estágio, ou seja, o que consegui retirar de um e aplicar noutro. Esta mesma relação foi algo bastante positivo para o meu estágio e que me ajudou bastante neste período de formação. Terminando esta introdução, o objetivo deste trabalho passa fundamentalmente por realizar uma reflexão em relação ao que foi este ano do estágio pedagógico.

## **2. Contextualização**

### **2.1. O Colégio**

De seguida, irei apresentar alguns aspetos que considero importantes serem expressos relativamente à forma como o CPA se encontra estruturado, visto que, é a primeira vez que o mesmo se encontra a receber estagiários de educação física e também por ter um método pedagógico inovador visto que é bastante diferente do método pedagógico tradicional e comum nas escolas portuguesas.

O CPA é um colégio que tem como pilares os desígnios de Pedro Arrupe totalmente alinhados com a pedagogia e espiritualidade inacianas, ou seja, pretende que os alunos através de ferramentas fornecidas se tornem protagonistas competentes e conscientes na construção de um mundo mais justo.

Sobre o perfil de pessoa que o CPA pretende educar, este assenta em 6 pilares, querendo o colégio que os alunos à saída do colégio sejam: 1 - criativos e inovadores (integra e mobiliza a diversidade de informação e contribui para a procura de soluções inovadoras), 2 – comprometidos (atento ao mundo e sensível às dificuldades, é capaz de se comprometer e tomar iniciativas na resolução dos problemas), 3 - conscientes e compassivos (conhece a sua dimensão interior, aprofunda a sua relação vital com os outros e procura o encontro com Deus), 4 – competentes (analisa a realidade de forma autónoma, crítica e criativa e desenvolve ao longo da vida o gosto de aprender a aprender), 5 – comunicativos (assume a comunicação como forma de relação e de expressão, valorizando as suas diferentes formas e respeitando o contexto em que se situa) e 6 – cooperantes (aceita o contributo dos pares e reconhece a sua corresponsabilidade na construção partilhada do conhecimento).

No modelo educativo, o colégio considera como essencial: colocar o aluno no centro de modo que tenha um papel ativo na concretização da sua aprendizagem, a presença contínua de mais de um professor na gestão da aprendizagem na sala de aula (codocência), uma avaliação ao serviço da aprendizagem, uma presença de equipas pedagógicas, metodologias ativas, acompanhamento personalizado (tutoria), trabalho cooperativo e a interdisciplinaridade.

Todos estes pontos apresentados são trabalhados através de momentos denominados ancorar (momentos de paragem e reflexão no início/fim do dia), roteiros interdisciplinares (centrado na construção e aplicação de conhecimentos com integração de competências transversais, trabalho disciplinar (centrado na definição de conceitos e síntese de conteúdos específicos de cada disciplina, projetos transversais (centrado no desenvolvimento de competências transversais) e por fim através de

momentos denominados de tempo de trabalho autónomo (TTA), ou seja, tempos semanais em que o aluno define os objetivos de recuperação/desenvolvimento e regula a evolução do seu trabalho.

O CPA, como já referi, tem um modelo pedagógico diferente da grande maioria das escolas portuguesas, logo a sua estrutura em relação às turmas não é igual quando comparado com outras escolas e colégios, ou seja, não existem, por exemplo, turmas desde a letra “A” até à letra “F” e as turmas não têm um total de cerca de 30 alunos.

Desde o 2º até ao 3º ciclo, ou seja, do 5º ao 9º ano de escolaridade o CPA encontra-se organizado por grupos, desde o “A” ao “C”, denominado grupo “XL”, constituído por cerca de 150 alunos. O grupo “XL”, está dividido em grupo “L”, constituído por cerca de 50 alunos (grupos A, B e C), o grupo “M” por cerca de 25 e por fim o grupo “S” formado por cerca de 16 alunos. Para cada grupo “S” está associado o Professor Tutor (PT).

Para este meu estágio foi-me atribuído um grupo do 7º ano. Este grupo é constituído por 50 alunos, 27 rapazes e 23 raparigas, com idades compreendidas entre os 11 e os 13 anos. De referir que em todas as aulas, tanto de educação física, como nas restantes disciplinas existe um ensino-aprendizagem em codocência, ou seja, existe sempre a presença de 2 ou mais professores.

Com o objetivo de conhecer um pouco mais sobre os meus alunos em relação à disciplina de educação física, na primeira aula (aula de apresentação da disciplina) criei e disponibilizei, na plataforma do colégio, um pequeno questionário ao qual os alunos responderam. O questionário tinha como finalidade perceber se os alunos gostavam ou não da disciplina de educação física, se praticavam algum desporto, dentro ou fora do colégio, qual/quais a(s) matéria(s) que gostam mais ou menos e se praticavam alguma atividade não desportiva.

O 7º ano de escolaridade tem no seu horário semanal três tempos destinados às aulas da disciplina de educação física, todos com uma duração de 50 minutos. Às terças-feiras das 8 horas e 15 minutos às 9 horas e 5 minutos (primeiro tempo) e às quartas e sextas-feiras das 11 horas e 20 minutos às 12 horas e 10 minutos (quarto tempo). Durante todo o ano, a parte principal da aula (matérias definidas a lecionar) acabavam cerca de 10 minutos antes do tempo devido à entrega das máscaras aos alunos, para além de um balanço final da mesma, sendo que este momento de balanço foi realizado desde o início ao fim do letivo.

No ano letivo já decorrido, a disciplina curricular de educação física teve disponível para a sua leção o pavilhão gimnodesportivo, o polidesportivo, os campos de ténis, dois ginásios, um campo de futebol sintético e ainda a piscina.

Para cada aula foram-me sempre atribuídos dois espaços. Esses espaços foram definidos no roulement disponibilizado pelo Departamento de Educação Física (DEF), assim como as três rotações existentes. No roulement, para além dos dois espaços principais atribuídos, estavam ainda outros dois espaços mais direcionados para o tempo de chuva. Os espaços que me eram atribuídos mantinham-se de duas em duas semanas ou de três em três semanas originando por isso unidades de ensino (UE). Com as mudanças de espaços no fim de cada UE, um dos cuidados que tinha era a continuação do maior número de matérias, sempre de acordo com as necessidades dos alunos, de forma que estes pudessem dar continuidade ao desenvolvimento das suas aprendizagens. Na etapa de Avaliação Inicial (AI) todos os grupos passaram por todos os espaços semanalmente. Todos os espaços eram polivalentes, permitindo aos professores lecionar diversas matérias em casa espaço.

Em relação ao DEF do CPA era constituído por 11 professores, 3 professores e 8 professoras, incorporando profissionais atentos, preocupados e atualizados no que diz respeito ao que deve ser a disciplina de educação física e também em relação às necessidades dos vários alunos que incorporam cada turma.

Este DEF, tem presente em si e em todos os professores incluídos o sentido do trabalho de equipa, algo que considero bastante importante para que todos consigam trabalhar em conjunto e para que estejam todos na mesma linha de pensamento. Durante este período de estágio foi possível observar diversos momentos em que os professores, muitas vezes de anos lecionados diferentes conferenciavam sobre certas matérias e retiravam dúvidas entre si.

Ao contrário do que expressa Martins (2002), quando se exprime sobre os professores das escolas brasileiras, apesar da sua realidade ser diferente da presente em Portugal, os mesmos não apresentam um bom trabalho de equipa, pois nos momentos em que se reúnem, ao invés de refletirem, planearem e transformarem a sua prática educacional e melhorarem a aprendizagem dos seus alunos, realizam trabalho burocrático.

Voltando ao contexto português no CPA, algo que permite observar esta colaboração e ligação entre os professores do colégio é a presença, de uma forma autónoma e de certa forma regular, dos mesmos a observar aulas dos colegas docentes com um olhar de perceber como o colega faz e de que forma o professor que observa pode melhorar as suas aulas. Existe, portanto, uma aprendizagem e discussão constante entre os professores tentando os mesmos melhorar na sua profissão sempre com a finalidade de melhorar o ensino-aprendizagem dos seus alunos.

Relativamente aos documentos pelos quais o DEF se rege, critérios de classificação, planos plurianuais e protocolo de avaliação, os mesmos foram-me

disponibilizados pelo orientador do colégio. Sobre os documentos das rotações dos diferentes espaços, quando cheguei ao colégio para iniciar o meu estágio, estas decisões já se encontravam tomadas.

Para além do trabalho colaborativo possível de observar entre todos os professores do DEF, todos os professores receberam-me de braços abertos e encontravam-se sempre prontos a ajudar e também no esclarecimento de dúvidas durante todo o ano letivo. Esta ajuda foi bastante proveitosa tendo em conta que os professores apesar de já trabalharem juntos há alguns anos tiveram de certeza formações e experiências diferentes o que me possibilitou assimilar diferentes perspetivas e conhecimento (Costa et al., 2013).

## **2.2. O meu grupo**

Nas primeiras semanas, após começar o estágio realizei um questionário em sala de aula com o objetivo de conhecer um pouco mais dos alunos, especificamente em relação à disciplina de educação física, com os quais passaria grande parte do meu tempo enquanto estagiário. O questionário tinha como finalidade perceber se os alunos gostavam ou não da disciplina de educação física, se praticavam algum desporto, dentro ou fora do colégio, qual/quais a(s) matéria(s) que gostam mais ou menos e se praticavam alguma atividade não desportiva. Assim, posso dizer que este grupo do 7º ano de escolaridade do CPA é constituído por 50 alunos, 27 rapazes e 23 raparigas, com idades compreendidas entre os 11 e os 13 anos. De todo o grupo, existem 3 novos alunos na turma (vieram de outras escolas ou colégios) sendo que os restantes transitaram do 6º para o 7º ano dentro do Colégio.

Para além deste questionário implementado para conhecer um pouco mais os alunos, foram-me disponibilizadas as classificações que os alunos obtiveram nas diferentes matérias ao longo do 6º ano de escolaridade assim como as classificações que obtiveram no fim de cada semestre. Desta forma consegui ter uma primeira noção das capacidades dos alunos, apesar de, estas serem classificações atribuídas de acordo com o que os alunos apresentaram, em parte, durante o período de pandemia.

Apesar desta ser uma turma bastante ativa na prática de atividade física como foi possível observar nas respostas do questionário, consegui perceber com o passar do tempo que muitos dos alunos da turma passam bastante tempo em frente aos ecrãs durante os intervalos, sendo que muitos destes alunos acabam por ser aqueles que considero serem mais reservados acabando por se refugiar nos videojogos. De forma a conhecer melhor os alunos, agora de um ponto de vista mais pessoal e em contexto familiar, foi criado e aplicado o estudo de turma, competência pertencente ao penúltimo tópico deste documento e que será desenvolvida mais à frente no mesmo.

Neste t3pico que referi acima, consegui ter um contacto mais constante com os alunos do meu grupo conseguindo perceber a forma como os mesmo interagem entre si, as rela33es que criam e como as desenvolvem e tamb3m as suas particularidades enquanto indiv3duos em constru33o. Este contacto foi poss3vel devido ao m3todo de ensino inovador que o CPA apresenta tendo no mesmo tempos de Roteiros, nos quais tive presente ao longo do ano letivo, nos quais acompanhei a minha dire33o de turma ao mesmo tempo que observava e analisava o trabalho do Professor Tutor (PT) que me foi atribu3do.

### 3. Quatro anos de formação colocados em prática

#### 3.1. Planeamento

Sem um bom planeamento, em que o mesmo é previamente pensado de forma cuidada, atenta e preocupada, de forma a criarmos algo que vá ao encontro das necessidades e dificuldades dos nossos alunos, respondendo às questões “Como?”, “Para quem?”, “Porquê?” e “Para quê?”, não é possível criar uma aula bem estruturada, organizada e com objetivos bem definidos, estando por isso o professor a criar aulas sem um propósito final e sem uma base definida, trabalhando matérias de forma aleatória e sem seguimento, ou seja, se o professor, ao não saber e ter as prioridades bem definidas dos seus alunos, estes serão considerados de forma igual, não existindo uma diferenciação entre os mesmos e uma priorização de matérias para cada um dos alunos. A ideia apresentada acima é defendida por Luckesi (1992), quando o mesmo interliga o planeamento à intencionalidade de executar algo e de atingir objetivos concretos ao contrário de agir de forma aleatória e sem uma orientação.

Tendo em conta as quatro questões colocadas anteriormente em relação ao planeamento considero que realizei um bom trabalho durante todo o ano letivo não alterando a forma como realizei o meu planeamento principalmente devido a conseguir responder às quatro questões de uma forma muito correta. Assim, no momento de planear tinha muito claro como realizava o planeamento das minhas aulas, para quem preparava as aulas, ou seja, para que tipo de alunos, porque preparava as aulas desta maneira, ou seja, devido às necessidades dos alunos e porque razão as preparava desta forma, ou seja, para que os alunos conseguissem colmatar as suas dificuldades estando colocados na situação mais adequada.

Associado ao tema do planeamento das aulas de educação física está relacionado o PNEF, ou seja, os professores deverão planear as suas aulas tendo por base, por um lado as condições que o seu local de trabalho apresenta e lhe dispõe, mas por outro, nunca esquecendo as diretrizes definidas pelo Ministério da Educação para a sua disciplina, pois será por essas mesmas diretrizes que todos os professores se regem e simultaneamente transmitem aos alunos as aprendizagens consideradas significativas associadas a cada ano escolar.

Para além do PNEF, os professores de educação física deverão estar a par do documento denominado Aprendizagens Essenciais. O mesmo para além de apresentar as matérias que os alunos devem trabalhar em cada uma das três áreas de extensão, da mesma maneira que o PNEF, apresenta também os objetivos gerais e que são

obrigatórios em todas as escolas portuguesas, são eles: 1 – Participar ativamente em todas as situações e procurar o êxito pessoal e do grupo; 2 – Compreender as atividades físicas e as condições da sua prática e aperfeiçoamento como elementos de elevação cultural dos praticantes e da comunidade em geral, interpretando crítica e corretamente os acontecimentos na esfera da Cultura Física; 3 – Identificar e interpretar os fenómenos da industrialização, urbanismo e poluição como fatores limitativos da aptidão física das populações e das possibilidades de prática das modalidades da cultura física; 4 – Elevar o nível funcional das capacidades condicionais e coordenativas gerais, particularmente, de resistência geral de longa e de média duração, da força resistente, da força rápida, da velocidade de reação simples e complexa, de execução, de deslocamento e de resistência, das destrezas geral e específica; 5 – Conhecer e aplicar diversos processos de elevação e manutenção da condição física de uma forma autónoma no seu quotidiano; 6 – Conhecer e interpretar fatores de saúde e risco associados à prática das atividades física e aplicar regras de higiene e de segurança.

Desta forma, cada professor é único no seu planeamento e no que pretende alcançar com os seus alunos. Esta característica acaba por estar em todos os professores visto que a mesma só existe devido aos alunos de cada turma serem diferentes e apresentarem dificuldades e necessidades diferentes.

Analisando o anexo 3 presente no documento das Aprendizagens Essenciais, posso afirmar que o CPA segue e tem como base este mesmo documento, visto que leciona as matérias descritas para o 7º ano de escolaridade. Porém, em relação à quantidade de níveis associados ao primeiro patamar de sucesso (nível 3), o CPA efetua uma adaptação/alteração, ou seja, segundo o anexo 3 os alunos necessitam de 5 níveis Introdução para atingir o patamar anteriormente referido, porém o colégio pede aos seus alunos 4 níveis Introdução dentro das matérias apresentadas. Esta adaptação foi realizada devido ao facto de no momento em que o CPA foi criado, os alunos ao chegarem ao CPA vindo de outras escolas e colégios não existia um conhecimento em relação às capacidades dos alunos nas diferentes matérias, desta forma o colégio decidiu efetuar esta adaptação, visto que no primeiro ano do colégio todos os alunos eram novos.

Em relação aos tipos de planeamento existentes, a disciplina de educação física tem a possibilidade de ser lecionada segundo dois tipos: por blocos ou por etapas. O CPA segue uma orientação de um planeamento por etapas e que é caracterizado por ser um período de tempo durante o ano letivo onde se pretende atingir determinados objetivos e onde cada etapa tem, como o próprio nome de cada uma indica, um propósito diferente (Ministério da Educação, 2001).

Outra opção de lecionar a disciplina de educação física é realizar um planeamento por blocos, ou seja, durante um único período de tempo em todo o ano letivo, o professor leciona um pequeno conjunto de matérias, nunca voltando a trabalhar as mesmas. Caso este planeamento seja aplicado irá ocorrer uma não interiorização dos vários conteúdos das várias matérias pelos alunos. Já no planeamento por etapas, todas as matérias são trabalhadas ao longo do ano, umas mais do que outras, tendo em conta as necessidades e dificuldades dos alunos. No planeamento por etapas ao se lecionar todas as matérias ao longo do ano, as aulas serão maioritariamente politemáticas (Ministério da Educação, 2001), o que foi possível observar ao longo de todo o meu período de estágio onde lecionei sempre duas a três matérias diferentes por aula.

O primeiro momento relacionado com este tópico foi a criação do Plano Anual de Turma (PAT) nas primeiras semanas em que comecei o meu estágio, após realizar o Plano de Avaliação Inicial (PAI). Apesar de saber a importância deste mesmo documento e de o ter criado de forma cuidada e atenta seguido os registos que obtive durante as seis semanas em que ocorreu a AI e também os prognósticos para cada aluno nas diferentes matérias, senti sempre grandes dúvidas na idealização do mesmo visto que é impossível saber quais as matérias que irei trabalhar na terceira e quarta etapa de aprendizagem dos alunos e muito menos saber quais as dificuldades e necessidades que os mesmos irão apresentar nos meses finais do ano letivo. Este meu olhar sobre o PAT verificou-se de uma forma mais acentuada desde a segunda etapa de aprendizagem dos alunos, denominada de Desenvolvimento e Recuperação, no sentido em que nas transições de etapas e de unidades de ensino, acabava sempre por ter como referência os registos dos alunos no termino de cada unidade, pois eram os níveis mais atuais dos alunos nas diferentes matérias. Refletindo sobre este assunto, poderei definir esta situação como uma dificuldade que senti no momento de realizar o meu primeiro PAT, sendo que é algo referido por Teixeira & Onofre (2009) e que advém da pouca experiência em executar o mesmo. Com isto, apesar de com a realização do PAI conseguir definir matérias prioritárias e distinguir os alunos com mais e menos dificuldades e posteriormente criar o PAT (Carvalho, 1994), ao analisar o mesmo ao longo do ano letivo, fui verificando que as matérias previamente pensadas e distribuídas ao longo deste, não eram as matérias que me encontrava a trabalhar.

Observando as diferentes competências presentes no guia de estágio e fazendo referência à segunda e terceira competências, “Elabora planos de turma e de etapa garantindo que as decisões formam uma unidade pedagógica coerente, refletindo o equilíbrio entre as orientações enunciadas no programa oficial e os dados fornecidos

pela aplicação da avaliação inicial e formativa” e “Elabora planos de unidade de ensino e de aula identificando objetivos pedagógicos a eles conducentes e assegura a correção didática da seleção e estruturação dos conteúdos e das atividades de aprendizagem”, foram trabalhadas, desenvolvidas e melhoradas durante todo o primeiro semestre sendo que, com o passar do tempo, principalmente as unidade de ensino, ou seja, o conteúdo dos mesmos foram melhorando progressivamente ficando cada vez mais completos e tendo sido bastante importantes nos tempos que se seguiram ajudando-me a conseguir um melhor planeamento, uma melhor organização das aulas e das necessidades e prioridades de cada um dos alunos do grupo.

Os planos seguintes a serem criados foram os Planos de Unidade de Ensino (UE), planos mais pormenorizados e que compreendiam três a quatro semanas de aulas. Estes planos permitiram-me realizar uma avaliação formativa bastante positiva relativamente ao desenvolver das competências dos alunos, tendo em conta que, ao longo de cada UE, as matérias trabalhadas eram sempre as mesmas e sempre nos mesmos espaços. Assim, foi-me possível observar se as dificuldades dos alunos evoluíam ou diminuíam e quais as matérias que necessitavam de ser consideradas como prioritárias para o grupo ao mesmo tempo que definia, de forma individual, as matérias que determinado aluno precisava de despende mais tempo. Estes planos permitiram-me também uma maior facilidade de organização das aulas visto que as mesmas se repetiam semanalmente, necessitando de alterar ou ajustar os pares ou grupos de trabalho inicialmente planeados tentando criar a melhor situação possível para cada um dos alunos.

Presentes nestes mesmos documentos encontravam-se vários tópicos que me possibilitaram melhorar de aula para aula e de UE para UE a organização da aula e a priorização das matérias para cada aluno, tópicos como: “Alunos Críticos, Prioritários e Facilitadores”, onde apresentava por cada matéria trabalhada na UE em questão os alunos que demonstravam grandes dificuldades e conseqüentemente de nível baixo (estes não deixavam de ser prioritários), os alunos que conseguem realizar as tarefas, mas ainda com dificuldades e de forma não contínua e os alunos que não apresentam dificuldades e que têm capacidades para ajudar os colegas; “Aulas Tipo” onde expressava de uma forma completa todo o desenrolar de cada uma das aulas, ou seja, as matérias a trabalhar, os objetivos a alcançar, o que transmitir aos alunos na instrução inicial e final, qual a organização dos pares e/ou grupos e o porquê dos mesmos. Com o desenrolar das unidades de ensino comecei a introduzir o tópico “Níveis do Grupo” onde apresentava, em formato tabela, os níveis dos 50 alunos do grupo em cada uma das matérias trabalhadas. Este tópico permitiu-me analisar de uma forma mais

simplificada o total de níveis Não Introdutório (NI), Parte Introdutório (PI), Introdutório (I), Parte Elementar (PE) e Elementar (E) no grupo e consequentemente analisar quais as matérias mais e menos prioritárias para cada aluno.

Analisando a forma como estruturei os documentos das UE, pouco seria alterado visto que a meu ver consegui apresentar documentos onde apresentava uma boa e cuidada informação. Considero que todo o conteúdo presente me ajudou previamente à leção das aulas, uma vez que tinha muito bem definido os objetivos para a UE e para cada uma das matérias, as necessidades de cada um dos alunos, assim como os níveis que os mesmos já tinham atingido e também a estrutura de cada uma das três aulas sabendo o que iria transmitir na instrução inicial e final e de que forma a parte fundamental da aula estava organizada e planeada, ou seja, que alunos iriam para cada uma das matérias. Com isto, e muitas vezes expresso pelo orientador do CPA, as boas UE criadas levaram-me a antecipar dificuldades e imprevistos nas aulas ao mesmo tempo que me ajudaram a concentrar em aspetos como a circulação e o feedback. Do pouco que alterava nestes documentos, sinto que os balanços de cada UE poderiam ter sido melhores, visto que numa fase inicial baseava muito na aprendizagem dos alunos e não no meu progresso e na forma como planeava, organizava e conduzia as aulas.

Passando de UE para UE o conteúdo introduzido nos mesmos, foi-se alterando, em parte pelas sugestões dadas pelo orientador do colégio, tendo em conta o que o mesmo considerava que pudesse ser melhorado ou acrescentado sempre com o intuito de eu poder melhorar quer as UE seguintes, quer o planeamento, organização e condução de cada uma das três aulas semanais. Para além das melhorias e alterações referidas anteriormente, partiram também de mim novas formas de apresentar determinados conteúdos/tópicos nas UE que ia criando. Por exemplo, ao contrário de estar a apresentar a importância que o feedback tem enquanto ferramenta para a melhoria da aprendizagem dos alunos e estar constantemente a utilizar o mesmo conteúdo teórico e científico em diferentes documentos, decidi apresentar as diversas frases que utilizei nas diferentes matérias trabalhadas ao longo do estágio e que para além de ajudar os alunos a melhorar o desenvolvimento das suas competências e a alcançarem os níveis definidos, conseguia manter os alunos lembrados dos diferentes indicadores que necessitavam de trabalhar de forma a realizarem as tarefas o melhor possível. Com estas frases, sinto que consegui criar nos alunos um maior conhecimento no que diz respeito aos indicadores de cada uma das matérias, ou seja, consegui transmitir aos mesmos o que necessitavam para atingir o nível introdução. Este questionamento permitiu-me também criar uma autonomia nos alunos no sentido em que, ao saberem os diferentes indicadores, os mesmos não necessitavam de me vir

perguntar o que lhes faltava para atingir o nível introdução podendo e conseguindo realizar uma breve reflexão percebendo o que já atingiram e o que necessitam de continuar a trabalhar.

De todos os planos que realizei ao longo do estágio, os planos de aula foram talvez os planos onde necessitei de melhorar mais relativamente ao que apresentava nos mesmos. De uma forma muito geral e ténue simplesmente apresentava as matérias a serem trabalhadas, os objetivos a alcançar e o que seria transmitido durante a instrução inicial e final aos alunos. Após algumas semanas já com o estágio a decorrer, numa das reuniões semanais com o orientador do colégio, o mesmo apontou que deveria melhorar os planos em questão pormenorizando o mais possível os exercícios que iria realizar com os alunos, referir quais os alunos que trabalhariam determinada matéria, de que forma seria a rotação dentro da aula e especificar o que iria transmitir aos alunos durante a instrução inicial e final, pois não tendo grande experiência a dar aulas, iria ajudar a orientar o meu discurso.

Relativamente à terceira competência, “Elabora planos de unidade de ensino e de aula identificando objetivos pedagógicos a eles conducentes e assegura a correção didática da seleção e estruturação dos conteúdos e das atividades de aprendizagem”, considero que os planos de aula foram progressivamente melhorando ao longo de todo o estágio pedagógico ajudando-me a saber precisamente o que de mais importante transmitir aos alunos, a forma como organizar as aulas e a disposição dos alunos perante as matérias a trabalhar.

Como é expresso por Teixeira & Onofre (2009), uma das principais dificuldades que os professores estagiários sentem neste ano de formação é a criação dos vários planos. Apresentado anteriormente, foi algo que senti e que foi referido pelo orientador do colégio, porém com o desenrolar do estágio fui-me sentindo cada vez mais confortável para criar planos de AI, de aula, de UE e PAT de forma bastante natural e sem voltar à estaca zero como me encontrava no início do estágio pedagógico.

Apresentando a competência “Garante que as decisões dos diferentes níveis de planeamento (turma, etapa, unidade de ensino e aula), formam entre si uma unidade coerente, assegurando a diferenciação e progressão das aprendizagens necessárias ao sucesso dos alunos, de acordo com os dados da avaliação formativa, (inicial e contínua) e sumativa”, considero que a mesma conclui o tópico do planeamento aglomerando os vários planos que existem e que fui criando ao longo do ano letivo. Refletindo sobre todo o tópico, considero que a mesma foi concretizada com uma nota bastante positiva e é algo com que me preocupei bastante no momento em que me encontrava a preparar a lecionação das diferentes aulas e respetivas matérias. Pretendo com isto dizer que,

tanto as matérias escolhidas como os pares e/ou grupos formados foram pensados de forma cuidada, atenta, tendo em conta o nível que os alunos apresentavam e também de acordo com as suas dificuldades.

### 3.2. Condução

Não tendo experiência em conduzir qualquer aula de educação física e muito menos para um grande número de alunos (50 alunos no CPA), deixou-me um pouco nervoso relativamente à minha maneira de estar e ao meu à vontade perante os alunos e a aula em si, porém desde o início do estágio, abracei de forma total esta experiência sabendo sempre que, desde a primeira aula até à última seria um trajeto positivo e cheio de aprendizagens e melhorias de forma progressiva.

Dos primeiros aspetos que tive em consideração para que as aulas corressem de forma organizada foi a definição de rotinas. Estas rotinas serviram para que os alunos desde o início da aula até ao fim soubessem determinados comportamentos e atitudes que deveriam ter. Alguns exemplos foram: no momento em que chegam ao espaço de aula sentarem-se formando duas meias-luas, antes de começarem a fazer qualquer atividade cabelos apanhados e relógios, fios, anéis retirados. Tal como é defendido por Onofre (1996), o definir rotinas numa fase inicial do ano letivo é uma ajuda muito significativa para criar um bom ambiente e uma organização base para o resto do ano letivo. Podemos dizer que é tempo “perdido” no início do ano, mas que será ganho futuramente.

Assim, durante as primeiras aulas, principalmente durante o período de avaliação inicial, no início ou no fim da instrução inicial pedia aos alunos que realizassem as rotinas que iriam ser base para todo o ano letivo.

Como referi, a criação de rotinas é o ponto de partida para o começo de uma boa aula de educação física promovendo um bom clima de aula, positivo e onde os alunos se sentem bem a realizar as várias tarefas. Desta forma, quanto melhor for o clima de aula, melhor os alunos estarão no desenrolar das tarefas/exercícios colocados no seu caminho (Arede, 2008).

Considero que proporcionei aos meus alunos ambientes de aprendizagem muito positivos, visto que sempre que era possível brincava com os mesmos, com o objetivo de estabelecer uma maior ligação com os mesmos e estes partiam para o início da aula com um espírito positivo e alegre.

Algo que mudaria em relação a estas rotinas que apresentei anteriormente seria o relembrar das mesmas na segunda metade do ano letivo (início do segundo semestre). Nesta parte final senti em muitas aulas que perdia algum tempo na

transmissão da instrução inicial devido ao grande à vontade e ao comportamento que os alunos mostravam. Desta forma, sinto que deveria ter voltado a relembrar as rotinas estabelecidas para que a dinâmica do grupo não voltasse ao que era no início do ano, sendo que foram vários os momentos em que tive de chamar os alunos à atenção no sentido destes melhorarem o seu comportamento também para não se perder tempo de aula desnecessariamente.

Para além das rotinas criadas para o melhor funcionamento inicial das aulas, outra forma de melhorar a dinâmica das mesmas, foi a organização dos pares e/ou grupos de trabalho desde o aquecimento, ou seja, tendo em conta o aquecimento que escolhia, os pares e/ou grupos pensados para o mesmo seriam utilizados para a parte fundamental da aula/para as matérias que seriam trabalhadas. Esta organização proporcionou-me aproveitar o máximo de tempo possível de aula e diminuir os tempos de paragem ao mesmo tempo que me permitiu diminuir os momentos de organização (Martins et al., 2017). Assim, no momento em que terminava o aquecimento transmitia de forma rápida aos alunos quais os pares que trabalhavam determinada matéria.

Fazendo uma retrospectiva, esta foi uma estratégia muito bem utilizada da minha parte e que acompanhou o planeamento de todas as aulas ao longo do ano proporcionando um tempo útil de aprendizagem muito favorável.

Durante o período de AI, após apresentar quais as matérias a trabalhar e as tarefas a realizar, o meu foco passava muito pelo registo dos níveis que os alunos apresentavam, não transmitindo o feedback necessário. Algo que confessei ao professor orientador do colégio e que refletindo no fim do estágio deveria ter sido algo a ter mais atenção, foi que, após o período de avaliação inicial terminar, senti-me com um grande à vontade para estar no espaço de aula, por outras palavras senti-me mais livre e menos preso ao caderno de registos, o que me permitiu uma maior expressividade perante os alunos e conseqüentemente ajudá-los a melhorar as suas competências. Foi a partir deste momento que comecei, de forma concreta, a utilizar o feedback da maneira mais correta e ao mesmo tempo comecei a melhorar diversos aspetos que ajudam a melhorar a condução de uma aula de educação física.

Para que o feedback possa chegar a todos os alunos do grupo, comecei simultaneamente a trabalhar/ter uma maior atenção à minha circulação pelo espaço de aula. Algo que poderia ter alterado numa fase mais inicial era a pouca circulação pelo espaço de aula sendo que, inicialmente ficava muito preso à matéria que estava a lecionar e a determinados alunos, mas com o passar do tempo comecei a certificar-me de que chegava a todos os alunos do grupo e sempre mais do que uma vez em toda a aula. Ao longo do estágio estes dois tópicos, circulação pelo espaço de aula e feedback

transmitido, foi algo que o professor orientador do colégio falou de uma forma bastante positiva na grande maioria das reuniões semanais que realizávamos.

A circulação pelo espaço de aula de uma forma consistente, foi algo que me permitiu ter um maior controlo de todo o grupo, ou seja, ao passar por todos os alunos várias vezes, estes em pouco tempo percebiam que o professor estava atento ao que se passava em toda a aula, mantendo-se, os alunos, concentrados a realizar as tarefas. Esta circulação, adequando sempre um posicionamento em que me permitia observar toda a turma, ajudou-me a controlar os comportamentos desviantes de alguns alunos, ou seja, nos momentos em que estava longe de certos alunos, principalmente aqueles que eram mais propícios a brincadeiras e destabilização dos colegas e da aula em si, conseguia continuar a observá-los e chamar os mesmos à atenção do sítio onde me encontrava, o que mantinha os alunos com um bom comportamento e com um sentido de presença em relação ao professor.

Refletindo sobre esta questão de estar atento aos alunos que seriam mais propícios a realizar comportamentos desviantes durante as aulas, previamente às mesmas começarem, ou seja, nos momentos de planeamento de forma que estes comportamentos não surgissem planeava os grupos tendo em consideração este aspeto. Muitas vezes aproveitava as ilhas já formadas em sala de aula, efetuando uma outra alteração devido às necessidades dos alunos, pois os professores do 7º ano também para prevenirem estes comportamentos nas suas aulas criavam as ilhas de modo a separar os alunos que pudessem criar momentos de conversas paralelas e consequentemente distrair aqueles alunos que necessitam de estar concentrados a trabalhar.

Esta minha circulação pelo espaço de aula, esteve sempre presente no meu planeamento e gestão das aulas desde o momento em que me apercebi que a tinha de melhorar, ou seja, no momento em que planeava as aulas e tendo em conta a disposição das matérias pelo espaço onde lecionava a mesma, preparava a forma como circulava pelo espaço sempre pensando em conseguir observar e chegar a todos os alunos do grupo, não colocando parte da turma nas minhas costas, ou seja, fora do meu campo de visão, para que os mesmos conseguissem receber o feedback adequado e melhorassem na sua aprendizagem. Este é um aspeto que alterava no meu trajeto no sentido de me ter preocupado com o mesmo desde o início do estágio.

Em todas as aulas, mas principalmente na introdução de uma matéria ou conteúdo novo, algo que o professor orientador do colégio sempre referiu nos momentos de instrução é que os alunos tinham de saber dois aspetos importantes para que a tarefa corresse bem: para onde vão e o que vão fazer. Estes dois aspetos, numa fase inicial

do estágio não eram por mim concretizados. Acontecia muitas vezes, após explicar a tarefa, os alunos não perceberem e ficarem com muitas dúvidas, ou seja, não me certificava que os alunos compreendiam o que era para fazer. Tendo em consideração o referido pelo orientador, comecei-me a certificar que os alunos compreendiam o que era apresentado, sendo que para me certificar desta compreensão utilizava o questionamento (Martins et al., 2017), ou seja, pedia aos alunos para repetirem o que tinha pedido. Após certificar-me desta compreensão, através de uma instrução mais breve, mas direta e concisa, comecei a perder menos tempo na instrução inicial e conseqüentemente comecei a ganhar mais tempo para a parte fundamental da aula (Martins et al., 2017). Este é de uma forma clara um aspeto que mudava no meu trajeto como estagiário, devendo ter alterado a minha instrução desde muito cedo focando-me nestes dois aspetos.

Analisando as várias competências presentes no guia de estágio sobre a condução das aulas de educação física, a segunda competência “Utiliza e justifica os procedimentos de informação sobre as atividades da aula de modo a assegurar a sua compreensão pelos alunos” a mesma foi bastante melhorada desde o início do estágio. Numa fase inicial notei que após apresentar os objetivos, matérias a lecionar para cada aula e aquecimentos durante a instrução inicial, os alunos ficavam com muitas dúvidas o que me levava a explicar uma segunda vez e conseqüentemente a ficar com menos tempo para a parte fundamental. Após notar este facto, comecei a pausar mais a minha instrução e a certificar-me, posteriormente à mesma ser transmitida, de que todos os alunos compreendiam o que era para fazer e para onde tinham de ir.

Retomando a relação entre o bom clima de aula e as rotinas apreendidas pelos alunos, um outro aspeto que pesa para um bom desenrolar da aula é o bom relacionamento professor-aluno e aluno-aluno. Sobre o relacionamento aluno-aluno, com a realização do estudo de turma e com a minha presença nos dois tempos de roteiros às segundas-feiras e nos dois tempos de TTA às sextas-feiras, para além do tempo disciplinar de educação física, consegui perceber que apesar de pequenos grupos de amizade dentro de todo o grupo, todos os alunos têm uma boa relação entre si. A criação de uma boa relação entre o professor e os alunos, assim como a criação de um ambiente de aula positivo e prospetivo ao trabalho revela uma maior dedicação e atenção na participação em aula nas respetivas tarefas (Rosado e Ferreira, 2009).

A relação professor-aluno, ao longo do estágio foi melhorando de forma progressiva e muita desta relação tem vindo da minha presença nos tempos de roteiros onde consegui aproximar-me de todos os alunos ao mesmo que conhecia pessoalmente cada um, assim como as suas particularidades criando uma relação positiva e de

confiança (Martins et al., 2017). Esta presença para além das aulas de educação física, permitiu-me estar mais à vontade com os alunos e brincar com os mesmos. Considero que os alunos também foram vendo em mim alguém com quem podiam brincar visto que para além dos tempos passados em sala de aula, diversas vezes cruzava-me com os alunos nos intervalos e brincava com estes, ideia defendida por Frisby & Martin (2010), e com quem podiam estar à vontade para falar ou pedir ajuda nos momentos em que estava em sala de aula (tempo de roteiros).

Tendo em conta o contexto em que encontro a realizar o estágio pedagógico, nomeadamente referir o pilar codocência presente no CPA, considero que é importante falar sobre como foi a experiência de conduzir aulas de educação física com outro professor. Importante referir que desde o início do estágio fui eu que preparei e lecionei as aulas de educação física de forma maioritária, ou seja, as matérias escolhidas em cada unidade de ensino, assim como os exercícios específicos foram definidos por mim. O papel da professora que me acompanhava passava muito por me ajudar quer na leção das aulas, quer na transmissão de conhecimento ao longo das aulas sobre pontos específicos de determinadas matérias.

Esta codocência foi algo bastante positivo e muito enriquecedor para o meu período enquanto estagiário e como futuro professor de educação física. Para além do trabalho colaborativo que existe, ou seja, em todas as aulas do grupo existia mais uma pessoa a observar o desenvolvimento das aprendizagens dos alunos o que ajuda a perceber a sua evolução, existe também uma discussão constante relativamente ao desenvolvimento dos alunos, ou seja, há uma segunda opinião.

Referir também, agora que reflito sobre todo este período enquanto estagiário, que apesar de ser eu a lecionar as aulas de educação física, posso dizer que existiu um conforto por ter comigo uma professora já formada e com experiência de forma constante a lecionar as aulas. Ao longo deste ano de estágio, sinto que foi um aspeto muito positivo e que teve uma grande influência no meu desenvolvimento enquanto futuro professor de educação física. A presença desta professora permitiu-me ter alguém com quem podia esclarecer dúvidas no fim de todas as aulas lecionadas ao mesmo tempo que recebia conselhos e sugestões por parte da mesma de forma autónoma sobre o que deveria melhorar e ter em conta para as aulas seguintes.

Esta minha reflexão sobre o pilar da codocência presente no CPA e experienciado por mim de forma concreta neste ano de estágio permitiu-me tomar consciência do quão positivo este fator é para todos os professores de educação física e o quão importante foi para mim. Posso afirmar, como apresentei acima que este é um fator essencial e que deve estar presente em todos os DEF, ou seja, é necessário existir

uma porta aberta para conversas e esclarecimento de dúvidas entre todos os professores.

Relativamente à quarta competência, “Utiliza e justifica os procedimentos de prevenção e remediação dos comportamentos inapropriados dos alunos, obtendo uma adequada participação dos mesmos nas atividades para que são solicitados durante a aula”, numa fase inicial os comportamentos desviantes eram mais recorrentes, porém com o passar das aulas os mesmos foram desaparecendo devido a criação de rotinas e regras de funcionamento da aula. De forma a prevenir estes mesmos comportamentos, no momento de formar pares, trios ou grupos, sabia quais os alunos que geravam uma maior “confusão” em aula e desta forma não os colocava juntos nos diferentes exercícios.

Associado a este mesmo tópico (condução), durante o ano de estágio tive de realizar a lecionação de uma turma do 1º ciclo assim como de várias turmas criando com as mesmas a experiência de um horário completo.

Previamente a lecionar esta mesma semana, numa das reuniões semanais com o professor orientador do colégio, o professor André Gonçalves, discutimos qual a turma e ano de escolaridade que pretendia lecionar. Desde muito cedo que o orientador sabia que as idades mais pequenas não eram aquelas com as quais me refletia a trabalhar e com o qual me sentia mais à vontade, muito devido a já ter rotinas de trabalho e de treino com indivíduos bastantes mais velhos, mas ao mesmo tempo sabia que era algo com o qual teria de ser confrontado e teria de me conseguir adaptar à população alvo. Desta forma, decidi escolher um grupo do 3º ano por algumas razões, entre elas, ter um horário compatível com o meu, por ser dentro dos vários anos que compreendem o 1º ciclo dos mais velhos e por já estarem incorporados na rotação (roulement) dos espaços disponíveis entre o 3º ano e o 12º ano.

Após observar algumas aulas e interagir, ainda que pouco com os alunos, a professora Sofia colocou-me o desafio, de certa forma como preparação para a minha semana de 1º ciclo, de realizar a instrução inicial aos alunos. Tendo aceite o desafio, assim o fiz. Sabendo a idade dos alunos, a instrução teria de ser bastante clara, breve e objetiva sobre o que os alunos teriam de realizar e para onde teriam de ir. Sinto que consegui transmitir uma boa instrução, através da fala e da demonstração recorrendo a uma aluna, relativamente às três estações que a aula compreendia.

Fazendo agora referência à aula de 6ª feira, aula onde a decisão da matéria a trabalhar, planeamento, organização e distribuição dos alunos foi realizado por mim, considero que foi uma aula positiva e que me permitiu ter outro olhar sobre o que é lecionar uma turma do 1º ciclo visto que inicialmente não considerava como o ano e/ou

ciclo preferido. Decidi lecionar patinagem, pois era uma das duas matérias que a professora tinha em mente para a aula de 6<sup>a</sup> feira e tendo já experienciado uma aula onde se trabalhou a submatéria de ginástica de solo e de aparelhos e iniciação à bola ao fundo decidi lecionar a patinagem.

Refletindo sobre aula consegui realizar uma boa instrução inicial, breve e direta tendo-me focado, para além de transmitir o que era para realizar em cada fila, por onde os alunos tinham de passar para voltar a realizar o exercício. Apesar dos alunos terem percebido a mesma sinto que poderia ter sido melhor na descrição dos exercícios, utilizando um aluno (não o fiz porque não sabia o nível dos mesmos). Sinto isto também devido a quase todas as filas terem cones da mesma cor o que apontando à distância poderia complicar a interpretação aos alunos, porém não aconteceu.

Contudo, apesar de considerar que foi uma semana bastante positiva e que me ajudou a ter uma perceção diferente em relação ao que são aulas de 1<sup>o</sup> ciclo ao mesmo tempo que me ajudou a perceber principalmente que a instrução deve ser o mais assertiva e objetiva possível independentemente do ano lecionado não considero que a leção destas duas aulas tenha tido um grande impacto no sentido em que foram duas aulas “soltas” e que não tiveram continuidade. Considero que, tendo em conta a importância que a educação física tem nestas idades, principalmente na aquisição de habilidades motoras essenciais, entre elas locomotoras (andar, correr e saltas), não locomotoras (sentar, ficar de pé) e manipulativas (agarrar, lançar e pontapear), com a finalidade dos alunos não ficarem carenciados no seu desenvolvimento (Ribeiro et al., 2016). Deste modo considero que este momento de contacto com o 1<sup>o</sup> ciclo poderia ter uma maior duração, mantendo a ideia de coadjuvação tal como para o grupo do 7<sup>o</sup> ano que acompanhei.

Relativamente à leção de um horário completo, em reunião com o orientador do colégio, o mesmo referiu que tinha liberdade para escolher qualquer ciclo e respetivo ano de escolaridade, visto que, esta semana serviria também para contactar com diferentes alunos de diferentes anos.

Após reunião com o orientador, analisar o roulement e saber quais os ciclos que pretendia lecionar e experienciar ficou definido que iria lecionar os três grupos do 7<sup>o</sup> ano, um grupo do 9<sup>o</sup> ano e dois grupos do secundário, um 10<sup>o</sup> ano e 11<sup>o</sup> ano.

Relativamente ao 7<sup>o</sup> ano de escolaridade, posso dizer que não senti dificuldades em lecionar estes dois grupos, visto que o trabalho a realizar era igual ao que tenho aplicado no meu grupo.

Para o grupo do 9<sup>o</sup> ano de escolaridade que escolhi, apesar de não estar desde o início do ano com os mesmos, senti-me confortável a lecionar o grupo. Por um lado,

devido à presença antecipada nas aulas dos mesmos para que pudesse analisar o grupo, perceber quais as matérias que cada aluno estava a trabalhar e também para que os alunos tornassem a minha presença nas suas aulas um hábito e desta forma não ser um choque quando um novo professor leciona uma turma.

Para este grupo a única diferença na lecionação do mesmo foi a mudança de nível em determinadas matérias. Apesar desta adição, posso dizer que não senti dificuldade nas aulas visto que nestas mesmas matérias encontro-me à vontade e com o conhecimento certo para ajudar os alunos a melhorar a sua aprendizagem e ajudar a que os mesmos consigam atingir o nível Elementar.

Devido aos alunos já estarem bastante habituados, quer o grupo de 10º ano como o de 11º, ao método de trabalho neste ciclo, ou seja, os mesmo trabalham de acordo com as suas prioridades, facilitou a minha forma de estar na aula, no sentido em que ao transmitir o que os mesmos tinham de fazer, estes escutavam e iam diretamente para as matérias e espaços a trabalhar.

Em suma e refletindo sobre o impacto que esta semana teve em mim enquanto futuro professor e enquanto estagiário, consegui perceber o trabalho de um professor com um horário completo no sentido de lecionar várias aulas de forma seguida ao mesmo tempo que leciona diferentes ciclos e ano escolares tendo por isso de se adaptar a cada um antes da aula começar. De uma forma clara, foi uma boa experiência, não só pelo trabalho e esforço que colocou em mim, mas também pela motivação que tive em querer realizar um bom trabalho perante os meus colegas de departamento e também pelo maior contacto e ligação que criei com alunos de outros grupos e de diferentes idades.

Posso afirmar que foi bastante positivo tendo aprendido várias coisas durante este período do estágio. Principalmente aspetos como a adaptação necessária na mudança de anos que lecionava, o planeamento, gestão e organização das diferentes aulas de diferentes ciclos e a adaptação da linguagem perante as diferentes idades com que contactei durante esta semana.

### **3.3. Avaliação**

O meu primeiro momento de avaliação neste estágio pedagógico ocorreu, como seria de esperar, no momento em que tive que realizar a AI. O período em que esta avaliação ocorre é o momento de maior importância em todo o ano letivo, pois é durante as semanas iniciais de aulas (no CPA tive 6 semanas para realizar a avaliação inicial) que o professor de educação física irá conseguir observar e registar o nível em que os alunos se encontram, visto que regressam da maior paragem letiva (férias de verão) e

onde as aprendizagens, relativas ao ano anterior, maioritariamente desaparecem/desvanecem visto que os alunos passam um período largo de tempo sem realizar atividade física. Será através desta observação e registo que o professor para além de estabelecer um ponto de partida (avaliação diagnóstica) para o resto do ano letivo, para cada aluno em cada uma das matérias lecionadas, irá conseguir prognosticar o nível que os alunos poderão conseguir atingir no fim desse mesmo ano letivo.

A avaliação diagnóstica dos alunos encontra-se associada à observação das dificuldades e necessidades dos alunos, podendo dessa forma definir objetivos (de acordo com o apresentado no PNEF) a atingir pelos mesmos nas várias matérias, mas também das suas potencialidades e facilidades de forma a conseguir registar aqueles alunos, considerados como facilitadores, que poderão ajudar os professores e os colegas nas aulas de educação física. Estes alunos são aqueles que apresentam muito poucas ou mesmo nenhuma dificuldade na realização das tarefas propostas (Carvalho, 1994). Seguindo esta ideia expressa por Carvalho (1994), ao longo de 6 semanas, fui lecionando todas as matérias que iria trabalhar ao longo do ano letivo com o objetivo de analisar diagnosticamente qual o ponto de partida individual de cada aluno, mas também o nível médio do grupo em cada uma das matérias.

Em relação a conseguir analisar o nível de cada um dos alunos do grupo consegui realizar um bom trabalho e que me ajudou bastante no resto do ano, no sentido em que durante este período de tempo consegui de uma forma muito clara registar os alunos que apresentavam grandes dificuldades e que iriam necessitar de uma maior presença por parte dos professores, os alunos que quase não apresentavam dificuldades ou até nenhuma dificuldade e alunos com algumas dificuldades, mas que com o acompanhamento dos professores e ajuda/cooperação dos colegas não teriam problemas em evoluir rapidamente.

Como já foi referido no tópico referente ao Planeamento, após a realização da AI, foi-me possível começar a idealizar o PAT para o grupo do 7º ano de escolaridade, conseguindo realizar uma distribuição das matérias priorizando as necessidades do grupo, sendo que apesar desta priorização, foram realizadas várias alterações e ajustes ao PAT, como já seria de esperar, pois é um documento em constantes alterações.

Dando por terminado o período destacado para a AI e introduzindo a segunda etapa de aprendizagem, denominada Desenvolvimento e Recuperação, foi momento de começar a planear as aulas segundo UE e também de começar a avaliar os alunos de uma forma formativa até ao momento de atribuir uma classificação aos mesmos (fim do primeiro semestre e fim do ano letivo) e o que seria a base para todo o ano letivo.

A avaliação formativa é, de uma forma clara, um tipo de avaliação bastante mais proveitoso não só para os professores, mas também para os alunos. De acordo com a perspetiva de Brookhart (2001), do ponto de visto do professor esta é uma avaliação importante, pois permite ao mesmo perceber e observar os progressos que cada aluno conseguiu realizar em cada matéria de uma forma contínua, ou seja, o professor através dos seus registos consegue analisar o ponto em que o aluno começou, todo o seu progresso e melhorias e o ponto em que acabou.

Por outro lado, na perspetiva do aluno, esta é uma avaliação importante, pois permite ao mesmo saber em que posição a sua aprendizagem se encontra e de certa forma autoavaliar-se de forma a perceber as matérias em que deverá trabalhar mais, ou seja, se o professor realizar uma avaliação formativa correta, o aluno pode ir ao seu encontro e questionar o mesmo sobre o que necessita de melhorar para atingir determinado nível em determinada matéria, o que lhe falta para atingir determinado nível em determinada matéria e conseqüentemente compreender qual ou quais a(s) matéria(s) que deve considerar como prioritária(s) a partir daquele momento do ano letivo.

Esta avaliação no terreno foi realizada por mim da maneira correta, ou seja, no fim de todas as aulas e simultaneamente no fim de cada unidade de ensino, realizei pequenos registos que me possibilitaram perceber quais as dificuldades, necessidades e progressos que cada um dos alunos teve em cada matéria. Estes registos permitiram-me também conseguir compreender quais as matérias que deveriam ser consideradas prioritárias para cada aluno de forma que, na UE seguinte conseguisse, caso possível, dar continuidade às mesmas, conseguisse criar pares ou grupos de trabalho que permitissem aos alunos com maiores dificuldades melhorar a sua aprendizagem e simultaneamente colmatar as dificuldades que tinham vindo a apresentar. Assim, em relação a este ponto posso afirmar que realizei um bom trabalho e que não alterava a forma como a realizei.

Podemos definir avaliação formativa ou também referida como avaliação para as aprendizagens como uma avaliação que ocorre em todas as aulas, ou seja, os alunos encontram-se numa avaliação contínua, sendo através das informações que os alunos transmitem/apresentam ao professor que o mesmo conseguirá ajustar e adaptar o processo de ensino-aprendizagem dos seus alunos, este é objetivo da avaliação formativa segundo Carvalho (1994). Assim, consoante as dificuldades de cada um dos alunos o professor regula as aprendizagens dos mesmos.

Segundo Carvalho (1994), avaliação formativa pode ser definida como um sistema de recolha e interpretação de dados de forma que os professores possam

ajustar as tarefas tendo em conta as dificuldades e necessidades sentidas pelos alunos e conseqüentemente definir novos objetivos. De uma forma muito breve e como já foi referido no tópico anterior (3.2. Condução) associado a esta avaliação formativa está a utilização da ferramenta que é o feedback. Pretendo com isto dizer que a utilização de uma avaliação formativa favorece a utilização do feedback de forma recorrente, pois com esta ferramenta o professor consegue transmitir aos alunos o que os mesmos necessitam de melhorar sabendo assim os alunos onde devem investir.

Para além destas três avaliações já referidas, existe também a autoavaliação que pode ser definida como uma reflexão pessoal realizada por cada aluno relativamente ao percurso que cada um tem realizado até um determinado momento (fim de um período, de um semestre) sendo sempre o mais verdadeiro e sincero possível. Como é apresentado por Araújo (2015) o mesmo define o processo de autoavaliação como um lançar de um olho crítico sobre si e sobre os seus progressos na sua aprendizagem. Para que uma autoavaliação possa ser realizada o mais correta possível, para além de uma reflexão crítica e pessoal os alunos devem tomar conhecimento dos vários indicadores de cada matéria trabalhada de forma a terem uma base avaliativa.

Falando agora sobre a avaliação sumativa ou também referida como avaliação das aprendizagens, a mesma pode ser definida como aquela que proporciona um juízo de valor sobre o objeto avaliado, determina o sucesso ou o insucesso, é utilizada depois de concluída a “operação” e tem como função informar sobre a qualidade do objeto avaliado (Araújo, 2015). A avaliação sumativa é por norma utilizada quando os professores querem realizar um balanço das atividades ou têm um propósito classificativo e/ou informativo (Fernandes, 2007).

Enquanto estagiário só recorri a esta avaliação nos momentos em que, como referi, tinha um propósito classificativo, ou seja, nos momentos de fim de semestre em que tive de atribuir uma nota aos alunos do grupo. Refletindo sobre estes momentos, não senti grandes dificuldades na realização desta avaliação, pois sinto que a mesma foi facilitada em grande parte devido às avaliações formativas, às atualizações de níveis conquistados/atingidos pelos alunos nas diferentes matérias e atualizações de registos, que fui realizando nas transições de unidades de ensino.

Uma experiência enriquecedora e relacionada com o presente tópico foi a minha presença na reunião de Concelho de Turma (CT) em relação à atribuição de notas referentes ao fim do primeiro semestre e ao fim do ano letivo. Em relação à parte que me competia enquanto professor de educação física, todo o processo prévio à reunião considero que foi simples, estou-me a referir à atribuição das classificações dos alunos.

Afirmo isto, pois no momento em que me sentei e analisei os níveis obtidos pelos alunos nas várias matérias, em simultâneo com os critérios de classificação, não foi algo que já não tivesse em mente e de certa forma pensado muito devido à avaliação formativa que fui realizando, ou seja, ao ter ao longo do ano realizado um registo contínuo dos progressos e do desenvolvimento das aprendizagens dos alunos, no momento de atribuir uma nota, este processo simplificou-se, de certa forma e com determinadas exceções, a olhar para a pauta e para os critérios de classificação e atribuir um nível.

Ao estar presente nesta reunião consegui perceber também a forma como os professores interagem neste momento em específico, a forma como comunicam entre si e em relação aos alunos, sendo que os alunos com maiores dificuldades e mais preocupantes são aqueles que despendem mais tempo da reunião, a forma como se organizam entre si e organizam a reunião. Como é apresentado por Morales-Lozano e Saloio (2017) o trabalho de um professor acaba por ser solitário e individual. Em contrapartida, e falando da minha experiência durante o estágio pedagógico, tendo em conta a ideologia de ensino presente no CPA, o trabalho de qualquer professor desta instituição pode ser definido utilizando palavras como: organizativo, colaborativa, entreajuda, comunicação. Palavras estas em referência ao dia a dia de um professor e não exclusivamente em momentos de reunião. Foi possível observar uma comunicação muito grande entre os mesmos tanto sobre o trabalho que necessitavam de preparar para os alunos como dos próprios alunos e das suas dificuldades.

Como referi, sinto em grande parte que esta disponibilidade, comunicação e colaboração entre os professores advém muito do estilo de ensino moderno presente no CPA. Estilo de ensino este que foi o foco do Projeto de Investigação do meu núcleo de estágio e que será apresentado e explicado posteriormente.

De seguida irei falar sobre o presente tópico tendo por base as competências apresentadas no guia de estágio. Sobre a avaliação, a AI foi a primeira a ser realizada tendo sido algo que consegui realizar ainda que com uma ou outra dificuldade/dúvida no momento de atribuir uma nota base (avaliação diagnóstica), pois algumas das matérias que lecionei, no início do ano letivo, não eram dominadas por mim na sua totalidade como eram o caso da ginástica de solo, da dança e da natação.

Após este período de AI, ao não estar “preso” ao caderno de registos dos alunos e me encontrar mais preocupado com o desenvolvimento de aprendizagem destes comecei-me a sentir, como já referi anteriormente, mais solto em cada aula que passava, pois não tinha de estar a observar e a preencher o caderno. Desta forma, comecei o processo de avaliação formativa. Não senti grandes dificuldades nesta avaliação, pois com o decorrer das aulas fui dominando cada vez mais as matérias que

ia lecionando, fui melhorando a minha circulação e feedback que transmitia e desta forma consegui, através dos diferentes exercícios que apresentava aos alunos nas diferentes matérias, observar o nível em que se encontravam, ou seja, conseguia observar o seu progresso, a sua superação nas dificuldades que apresentaram durante a avaliação inicial e conseqüentemente se atingiam ou não o nível que o colégio definiu para o 7º ano de escolaridade (Plano Plurianual).

Após cada UE terminar, analisando os registos diários (de cada aula) e semanais começava a atualizar as aprendizagens dos alunos de forma que, de UE em UE, conseguisse escolher as matérias que os alunos mais necessitavam de trabalhar, de preparar e idealizar aulas e exercícios e principalmente priorizar as aprendizagens de cada aluno.

Por fim, tendo em conta que o CPA se encontra dividido por semestres, a meio do ano letivo tinha chegado o momento de atribuir uma classificação sumativa referente ao primeiro semestre. Mais uma vez não senti grandes dificuldades em atribuir uma classificação a cada aluno, principalmente devido ao facto de ter ao longo do semestre atualizado as aprendizagens dos alunos nas diferentes matérias. Assim, no momento de colocar as classificações nas tabelas, simplesmente observava a aprendizagem, o desenvolvimento e níveis atingidos dos alunos e tendo em conta os critérios de classificação analisava qual o nível (1, 2, 3, 4 ou 5) que mais se adequava ao aluno. Para além de olhar para os níveis que os alunos já tinham atingido, tive bastante consideração em dois fatores que para o colégio são muito importantes, foram eles: a cooperação e o desenvolvimento/aprendizagem futura do aluno (prognóstico), ou seja, relativamente à cooperação, que é algo bastante importante no desenrolar das aulas, tive em consideração se os alunos que apresentavam menores dificuldade cooperavam e ajudavam os alunos com mais dificuldades nos diferentes exercícios das diferentes matérias lecionadas.

Sobre o prognóstico do aluno, foi tido em consideração, para além do que este apresentava nos momentos de atribuir uma classificação, o que o aluno conseguiria realizar no fim do segundo semestre e respetivo fim de ano escolar, ou seja, de acordo com a distância ou proximidade que os alunos apresentavam numa determinada matéria, realizava uma avaliação com a única finalidade de prognosticar se o aluno conseguiria ou não atingir o nível definido (Plano Plurianual).

#### 4. Contributo do modelo pedagógico inovador no CPA

Presente no guia de estágio, temos a Investigação e Inovação Pedagógica, que pretende colocar nos alunos de cada núcleo de estágio o desafio de definir um projeto de investigação-ação tendo por base um problema que tenha sido identificado no colégio em que se encontram a estagiar e consigam argumentar a sua importância para o contexto em questão.

Para a realização deste Projeto de Investigação (PI), o núcleo de estágio decidiu associar a cadeira de Investigação Educacional lecionada durante o primeiro semestre do mestrado. Posso considerar que foi uma decisão bem ponderada e bem tomada no sentido em que ao juntar este PI com a cadeira de Investigação Educacional, conseguimos entender de uma forma muito específica, com a ajuda constante dos professores da cadeira, para além do que um PI deve conter, o que o nosso projeto deveria conter tendo em conta determinadas especificações devido ao tema, ao que pretendemos estudar e acima de tudo tendo em conta ao tempo que temos para realizar este projeto, ou seja, ao só termos a duração de um ano (duração do ano letivo) o projeto não será levado até ao fim, seguindo o trajeto tradicional de um PI.

Esta junção entre o PI com a cadeira de Investigação Educacional também permitiu que o núcleo de estágio, ao se encontrar de forma assídua nas aulas dos professores, conseguisse manter a pesquisa e realização do projeto atualizado semanalmente não deixando que o trabalho se prolongasse e consequentemente aumentasse a sua carga para o fim do primeiro semestre (momento em que foi atribuída uma classificação referente à cadeira da faculdade).

Como expresse anteriormente sobre a forma como o modelo pedagógico do CPA permite um constante trabalho colaborativo entre os professores desde o 5º ao 9º ano de escolaridade, posso afirmar que enquanto professor estagiário o modelo pedagógico só me trouxe vantagens. Simultaneamente considero que para os alunos este modelo também apresenta aspetos bastante positivos para o desenvolvimento da sua aprendizagem.

Do meu ponto de vista considero que este modelo só me trouxe vantagens enquanto estagiário, pois durante este ano de estágio permitiu-me, como já referi, ter a presença constante de uma professora que me ajudou muito, aconselhando e esclarecendo dúvidas. Penso que, se para mim enquanto futuro professor o pilar codocência foi muito importante e me auxiliou bastante. Posso afirmar que para os professores do CPA é algo indispensável visto que os mesmos já trabalham com esta

dinâmica há algum tempo e a mesma apresenta diversos pontos positivos, entre eles a possibilidade de conferenciar em relação às aprendizagens dos alunos.

Para os alunos considero que seja também importante visto que tanto em sala de aula como nos espaços destinados à educação física existe a presença de dois ou mais professores o que lhes permite receber uma maior atenção por parte dos mesmos, colmatando mais rapidamente as necessidades dos alunos.

#### 4.1. Suporte científico

Refletindo sobre esta parte do estágio pedagógico, considero a mesma importante no sentido em que mantém os estagiários atualizados em relação à investigação em prol da educação e da disciplina de educação física.

Cada vez mais, os professores necessitam de se encontrar atualizados na sua área de trabalho visto que as mudanças são cada vez rápidas, ou seja, novas formas de lecionar, de se preparar/planear, de conduzir uma aula de educação física e de saber quais as formas que apresentam melhores resultados em cativar, motivar os alunos.

Freitas et al. (2017) defendem esta mesma ideia quando expressam a afirmação “A busca pela formação continuada deve ser uma ação constante do profissional, independente da área de atuação. Esta deve estar consolidada na carreira...”.

Desde o início da sua existência (2010/2011), o colégio adotou dois modelos de organização pedagógica diferentes: a organização pedagógica tradicional e a organização pedagógica inovadora.

A estrutura de organização pedagógica tradicional é mais comum nas escolas portuguesas e caracteriza-se pela distribuição das disciplinas num horário fixo pré-determinado. A disposição física dos alunos é feita colocando um aluno por secretária, direcionados para o quadro. O trabalho em grupo é uma prática rara ou mesmo inexistente.

A partir do ano letivo 2019/2020, após alguns anos de preparação, o CPA adotou uma estrutura de organização diferente e inovadora. Este modelo caracteriza-se, principalmente, pela sua interdisciplinaridade, e pela distinta disposição física dos alunos em sala de aula. Os alunos estão agora sentados em grupos de 3 a 4 por mesa facilitando e fomentando a prática de trabalho em grupo.

Živković (2016) salienta que o uso da discussão e debate em sala de aula proporciona aos alunos a oportunidade de trabalhar num ambiente de grupo colaborativo e cooperativo. A discussão permite aos alunos aumentar a sua participação, adquirir competências de comunicação interpessoal e oral e desenvolve uma melhor compreensão dos problemas em questão.

O modelo inovador visa incentivar os alunos a pensar criticamente sobre como um conceito se aplica numa situação da vida real, aprofundando a qualidade da sua compreensão e a sua capacidade de aplicar conhecimentos prévios em novas situações.

Os modelos tradicionais de ensino e aprendizagem precisam, urgentemente, de ser reconstruídos na educação moderna. Hoje em dia, a aprendizagem mecânica e a memorização não são apropriadas para aqueles que anseiam por novas aprendizagens e conhecimentos significativos. Nesse sentido, assume extrema importância a criação de um ambiente de aula que incentive a colaboração, o diálogo aberto e a aceitação de diversas crenças e perspetivas. Os alunos devem, assim, poder expressar abertamente as suas opiniões e os educadores podem e devem incentivar comportamentos e atitudes de pensamento crítico por meio de modelagem desses comportamentos.

Um dos grandes objetivos do modelo pedagógico adotado pelo CPA é, para além do desenvolvimento das competências disciplinares, o desenvolvimento de competências transversais que, segundo Mitchell (2017) são competências consideradas como sendo as relações humanas e as capacidades de interação que não são específicas do trabalho. São perceptíveis, mas difíceis de medir, sendo, no entanto, de extrema importância para uma instituição de ensino conseguir monitorizar o seu desenvolvimento nos alunos.

O CPA pretende desenvolver, com o seu método pedagógico inovador, as seguintes competências transversais nos alunos: autonomia, responsabilidade, cooperação, resolução de situações problema, comunicação, capacidade crítica e criatividade, focando-nos, neste estudo, nas duas últimas.

A dificuldade em avaliar as competências transversais na escola, advém da inexistência de instrumentos adequados para esse fim, existindo apenas um instrumento que cumpre estes requisitos em Portugal e que permite avaliar o pensamento crítico e a criatividade nas escolas portuguesas (Lopes et. al 2019). Por este motivo, iremos utilizar este instrumento no nosso trabalho de investigação, permitindo avaliar o pensamento crítico e criativo nos alunos no 9º ano de escolaridade.

#### **4.2. À Segunda é de vez**

Numa fase inicial, o núcleo de estágio pretendia avaliar de uma forma concreta se as competências transversais que o CPA transmite aos seus alunos eram de facto apreendidas. Porém, numa fase posterior à pesquisa científica, mas anterior à aplicação de um questionário, percecionámos que o mesmo não avaliava o que inicialmente tinha

sido definido e por isso o objetivo principal do PI teve que ser alterado. Visto que agrupámos o PI com a cadeira da faculdade e a mesma tinha uma data final de entrega, esta tomada de decisão foi repentina, mas ainda assim muito bem estruturada, pois refletindo sobre o tema inicialmente definido com o posteriormente escolhido, podemos dizer que este, tendo em conta o contexto em que nos encontramos apresenta uma maior importância e significância para o CPA e na minha opinião uma maior importância para a educação dos alunos das escolas e colégios portugueses.

Semelhante ao primeiro tema, o foco manteve-se nas competências transversais adicionando agora o fator do modelo pedagógico inovador na equação do estudo. O tema surgiu devido ao facto de no ano prévio ter sido aplicado um teste de nominado Teste do Pensamento Crítico e Criativo (TPCC) e a população em causa terem sido alunos que ainda não tinham experienciado o novo modelo pedagógico. Desta forma, e aplicando o mesmo teste a alunos que já experienciaram o novo modelo pedagógico, a pergunta de partida do núcleo definiu-se em: Qual o contributo do modelo pedagógico inovador no desenvolvimento do pensamento crítico e criativo em alunos que terminam o 3º ciclo do ensino básico. Assim, pretendíamos comparar o score total entre os anos letivos (2020/2021 e 2021/2022), o score de cada pergunta entre anos letivos (2020/2021 e 2021/2022), o score total das raparigas do ano 2020/2021 com as raparigas do ano 2021/2022 e comparar o score total dos rapazes do ano 2020/2021 com os rapazes do ano 2021/2022.

Segundo Lopes et al. (2019), no que diz respeito à avaliação de competências transversais, não existe até à data um teste de avaliação do pensamento crítico pensado e construído para ser utilizado em Portugal e por portugueses, resultando em graves dificuldades de medição, compreensão, quantificação ou promoção desta competência específica. Tendo em conta esta escassez de estudos neste âmbito, considero que foi um tema e um PI bem escolhido trazendo bons resultados para a educação portuguesa.

### **4.3. Metodologia**

A população do projeto de investigação-ação é constituída por 247 alunos, sendo este total os alunos do 9º ano de escolaridade dos anos letivos 2020/2021 e 2021/2022. Visto que os alunos do ano letivo 2020/2021 já tinham realizado o TPCC, só foi necessário aplicar o mesmo aos alunos do ano letivo 2021/2022.

No ano letivo 2020/2021 o número total de alunos que realizaram o teste TPCC foi de 118 alunos, havendo 68 alunos do sexo masculino e 50 alunos do sexo feminino. Em relação aos alunos do ano letivo 2021/2022 houve um total de 129 preenchimentos, sendo que 69 alunos eram do sexo masculino e 60 alunos eram do sexo feminino. Desta

forma possível a comparação dos resultados obtidos com a amostra do ano anterior e as respetivas conclusões relativas à aquisição das competências em estudo.

O teste TPCC é um teste que apresenta uma situação-problema, atual e comum, e pretende que os alunos respondam a um conjunto de seis questões que avaliam diferentes tarefas cognitivas, entre elas: a interpretação, análise, explicação, avaliação, síntese e produção/criação. Foi construído devido à falta de literatura existente em relação à avaliação de competências transversais em contexto escolar e para construir e validar uma escala de Pensamento Crítico de modo a colmatar a lacuna existente, como foi referido anteriormente. Inicialmente o teste TPCC foi construído para jovens adultos portugueses, ou seja, alunos do ensino superior a frequentar uma licenciatura ou mestrado STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática) e de Ciências Humanas e Sociais (CHS), porém, tendo em conta o contexto em que o núcleo se encontra o teste foi utilizado para alunos do ensino básico (9º ano de escolaridade).

No momento de aplicação do TPCC, o mesmo ao já se encontrar validado, encontrava-se preparado a ser implementado à população definida. Foi aplicado nos dias 26 e 27 de Abril num dos tempos de Roteiro estabelecido no horário dos alunos do 9º ano. Estes tiveram entre 40 a 45 minutos para responder a todas as questões do teste.

Após aplicação do mesmo, e estes terem sido recolhidos foi possível avançar para a correção dos mesmos. A correção dos testes foi realizada dois corretores que foram destacados para esta tarefa, sendo que, após garantir a fiabilidade inter e intra-observadores o total de testes contabilizados, tanto da amostra do ano passado, como deste ano, foi dividido pelos dois corretores, que realizaram a sua correção de acordo com os critérios de avaliação.

Importante dizer que previamente à correção dos testes foi necessário realizar o anonimato das provas para que não existisse uma tendência na correção dos testes, ou seja, para que não existisse um benefício na correção dos testes realizados pelos alunos que experienciaram o modelo pedagógico inovador. Após a correção, começámos a colocação dos dados no programa SPSS e o processo de análise estatística dos mesmos. Após este processo, realizámos a discussão de resultados e retirámos as conclusões finais do estudo correlacional, para que posteriormente pudéssemos preparar a sessão de apresentação do estudo à comunidade escolar.

#### 4.4. Apresentação dos resultados e conclusões

Posteriormente aos dados terem sido colocados no programa SPSS, os mesmos poderão ser analisados de forma que conseguimos retirar as conclusões necessárias para efetuar a sessão de apresentação. Desta forma, tendo em conta os objetivos inicialmente estabelecidos, conseguimos perceber que: o score total no sexo feminino, no sexo masculino e total a média do score total do teste TPCC, subiu do ano 2020/2021 para o ano letivo 2021/2022. Para as questões 1, 2 e 4 que avaliam as capacidades de interpretação, análise e avaliação, respetivamente, tanto no score total como para ambos os sexos (feminino e masculino) a média obtida é superior nos alunos do ano letivo 2021/2022. Na questão 3, que avalia a competência de explicação, a média do score total é superior nos alunos que frequentaram o 9º ano de escolaridade este ano letivo (2021/2022). Porém, analisando por sexos, a média para o sexo feminino foi superior e para o sexo masculino inferior na transição do ano letivo 2020/2021 para o ano letivo 2021/2022. A questão 5, que avalia a capacidade de síntese, a média do score total é superior nos alunos que frequentaram o 9º ano de escolaridade este ano letivo (2021/2022). Ao contrário do que aconteceu na questão anterior, analisando por sexos, a média para o sexo feminino foi inferior e para o sexo masculino superior na transição do ano letivo 2020/2021 para o ano letivo 2021/2022.

Por fim, para a questão 6 que avalia as capacidades de fluência, flexibilidade e originalidade, de forma separada através de diferentes alíneas, foi possível analisar que: para a capacidade de fluência, a média do score total é superior nos alunos que frequentaram o 9º ano de escolaridade este ano letivo (2021/2022). Analisando por sexos, a média para o sexo feminino foi inferior e para o sexo masculino superior na transição do ano letivo 2020/2021 para o ano letivo 2021/2022.

Para a capacidade de flexibilidade, a média do score total é superior nos alunos que frequentaram o 9º ano de escolaridade este ano letivo (2021/2022). Analisando por sexos, as médias foram superior em ambos os sexos no ano letivo 2021/2022.

Para a capacidade de originalidade, a média do score total é superior nos alunos que frequentaram o 9º ano de escolaridade este ano letivo (2021/2022). Analisando por sexos, a média para o sexo feminino foi inferior e para o sexo masculino superior na transição do ano letivo 2020/2021 para o ano letivo 2021/2022.

Efetuada uma conclusão em relação ao PI colocado em prática, o núcleo de estágio consegui concluir que: em todas as questões o score foi superior nos alunos de 9º ano deste ano letivo, ou seja, do ano letivo 2021/2022. À exceção da questão 3, a diferença entre médias dos alunos com o método tradicional e dos alunos com método

inovador é sempre superior nos rapazes e a média do score final é superior nos alunos com modelo pedagógico inovador;

Desta forma, como conclusão final, podemos dizer que o modelo pedagógico inovador evidencia positivamente o desenvolvimento das competências transversais do pensamento crítico e criativo, nos alunos do CPA, sendo este superior nos rapazes.

## 5. O caminho até aos nacionais

Para o colégio, as atividades de complemento curricular (ACC) são um dos quatro pilares do projeto educativo do colégio que se rege por uma pedagogia inaciona, este plano apresenta características diferentes relativamente aos outros pilares, uma vez que funciona em horário extracurricular.

Relativamente aos objetivos específicos, as ACC do CPA propõem o desenvolvimento das habilidades motoras (resistência, força, flexibilidade, velocidade e equilíbrio) e o desenvolvimento das competências cognitivas, emocionais, sociais e artísticas.

A oferta apresentada pela grande maioria das escolas em relação a atividades extracurriculares encontra-se muitas vezes limitada ao Desporto Escolar (DE), em contrapartida, o CPA consegue oferecer aos seus alunos um leque variadíssimo de atividades extracurriculares. Porém, associado a esta oferta, estão as condições que o CPA apresenta comparativamente às restantes escolas, ou seja, a grande maioria das instituições só consegue oferecer aos seus alunos o DE o que limita as possibilidades de escolha dos mesmos ao mesmo tempo mostra a necessidade de criar uma maior oferta para os alunos (Lucas et al., 2012)

Como é sabido, o DE ou ACC, apresentam características, objetivos e propósitos bastante diferentes do desporto escolar. Telama (1988) define o DE como educativo, congruente e diverso em relação à sua finalidade, elevado sobre o nível de educação, pouco em relação ao tempo despendido, obrigatório e estando a prioridade na participação. Todas estas características podem ser transferidas para o contexto português tendo antes de ser adaptadas. Uma das exceções da ideia apresentada por Telama é a questão da obrigatoriedade, pois como estabelece o Decreto-Lei nº 95/91, o DE é uma atividade de complemento curricular, logo a característica obrigatoriedade deixar de prevalecer.

Muito tem sido questionado se o DE ou ACC e a educação física são momentos de aprendizagem iguais. Podemos responder que não, mas que ambos se complementam e se encontram dependentes um do outro. Consideramos diferentes, pois se por um lado a disciplina de educação física é uma atividade curricular obrigatório desde o 1º ao 12º ano de escolaridade e é um fator importante para o crescimento e educação dos alunos, por outro lado, o DE ou ACC apresenta uma formação específica (Gonçalves, 1991). Isto leva-nos a expressar que se um destes momentos não estiver presente causa um decréscimo no processo de formação dos alunos, ou seja, podemos dizer que o mesmo não se encontra completo.

Como referi, estes dois momentos interligam-se, porém, partindo da perspetiva apresentada por Gonçalves (1991), existem papeis e funções destinados a cada um. Sendo a disciplina de educação física obrigatória no currículo das escolas e colégios portugueses são os professores da disciplina o ponto central da qualidade formativa relativamente aos conteúdos desenvolvidos. Sabemos também que as atividades do DE ou ACC apresentam uma maior complexidade relativamente aos conteúdos desenvolvidos (técnica, situações de jogo, entre outras). Desta forma é importante ter em mente que o DE ou ACC devem ser reconhecidas como um contributo positivo à ação dos professores de educação física (Gonçalves, 1991).

### 5.1. Treinos

A decisão sobre qual a atividade de complemento curricular que iria acompanhar durante todo este ano de formação, ocorreu em conversa com o orientador do colégio onde o mesmo me apresentou as várias atividades de entre as quais poderia escolher, assim como os respetivos horários, ao mesmo tempo que expressou qual/quais poderia(m) ser mais proveitosa(s) para mim. Após esta discussão, a atividade de Voleibol pareceu-me ser aquela que melhor se adequaria a mim, pelo gosto e conhecimento que tenho em relação à modalidade, mas também devido aos vários e diferentes aspetos que poderia retirar do acompanhamento desta modalidade e aplicar nas aulas de educação física quando lecionava esta matéria.

Tendo em conta o escalão que escolhi, Iniciadas, senti que tinha espaço para intervir, devido ao próprio escalão e ao nível que as jogadoras apresentavam ao mesmo tempo consegui melhorar a minha observação e consequentemente feedback para depois transpor para as aulas de educação física.

Durante os treinos, o meu papel passou por ajudar as atletas a melhorarem a sua performance, através da correção de determinados movimentos e/ou técnica, na melhoria do saber jogar o jogo, sempre através do feedback, por ajudar o professor/treinador no que fosse necessário.

Refletindo sobre a minha presença nesta ACC considero que a mesma só trouxe aspetos positivos e enriquecedores, pois se por um lado consegui uma maior aquisição em relação ao Voleibol enquanto desporto, por outro lado consegui criar uma ponte entre os treinos e as aulas de educação física, ou seja, tendo em conta o nível da equipa e o feedback que o professor/treinador transmitia conseguir assimilar correções e feedbacks assim como exercícios que posteriormente viria a utilizar nas aulas de educação física quando lecionava esta matéria.

Por vezes, caso o número de atletas fosse inferior ao que o professor/treinador perspetivava para um dos treinos, o mesmo pedia-me para realizar o(s) exercício(s) com a(s) mesmas. Considero que este aspeto ajudou a melhorar a minha relação com as atletas de uma forma bastante positiva.

Em relação à minha relação com as atletas, ou seja, relação professor-jogadora a mesma seguiu sempre um caminho positivo e bastante progressivo. Como seria de esperar, a relação nos primeiros tempos e respetivas sessões de treino, era fechada e quase estritamente “profissional”, ou seja, uma relação professor-jogadora existindo pouca interação social e de brincadeira. Porém, com o desenrolar das sessões de treino as interações foram aumentando, assim como a relação professor-jogadora.

Considero também que a minha presença assídua nas sessões de treino colocou nas atletas um olhar diferente em relação ao que tinham inicialmente, ou seja, com o passar do tempo para além da minha disposição nos treinos ter sido maior, consegui perceber que as atletas começaram a ver em mim, alguém com quem, por um lado poderiam tirar dúvidas, mas por outro lado alguém com quem podiam conversar, confidenciar e brincar, o que de uma forma bastante clara fez acelerar a relação.

A par da minha presença no escalão de Iniciadas, o treinador/professor, sugeriu ao orientador do colégio que estivesse presente nos treinos de segunda-feira do escalão Minis, representado pelas alunas do 6º e 7º ano de escolaridade. Fazendo uma retrospectiva sobre a minha presença neste escalão posso afirmar que o mesmo me ajudou ainda mais a melhorar o feedback transmitido às alunas ao mesmo tempo que considero que estes momentos serviram como treino para as aulas de educação física nos momentos em que trabalhava o Voleibol.

## 5.2. Competição

No que toca à competição acompanhei a equipa tanto nos jogos em casa como fora sempre que possível. Sendo que me encontro numa atividade de enriquecimento curricular, a equipa de voleibol encontra-se inscrita na Associação de Voleibol de Lisboa (AVL), por esta razão a minha presença no banco da equipa está sujeita à decisão do árbitro. Porém, nos jogos em casa fico na mesa de jogo (a equipa da casa é responsável por salvaguardar essa posição).

O principal objetivo da equipa no início da época passava por chegar à fase Nacional. Toda a equipa sabia que era uma tarefa difícil, mas não impossível e por isso iria-se trabalhar para alcançar esse mesmo objetivo. Após o mesmo ter sido alcançado e encontrando-se a equipa do CPA na presença das melhores equipas nacionais, a partir desta fase sabíamos que seria muito difícil e quase impossível alcançar a fase

seguinte e por isso o objetivo nesta fase passava por realizar a melhor prestação possível melhorando o nível de jogo da equipa.

Como referi, esta foi talvez a área que me deu maior satisfação estar presente e acompanhar ao longo deste ano. A ligação criada, foi bastante interessante e memorável. Esta instituição, CPA nos vários escalões (Iniciadas, Juvenis e Seniores) e estas atletas (Iniciadas) ganharam um fã que irá acompanhar as épocas seguintes.

## 6. Dia do desporto adaptado

Como foi apresentado no início deste relatório de estágio, o colégio entre o 5º e o 9º ano, tem nos horários dos seus alunos tempos de Roteiros. Num destes Roteiros, os alunos trabalharam o tema dos Jogos Paralímpicos e desta forma o núcleo decidiu aproveitar este momento para criar uma ação de intervenção relacionada com o tema. Tendo o núcleo experienciado desportos paralímpicos através da cadeira Desportos Adaptados existente no primeiro ano do Mestrado da FMH, decidimos pegar neste mesmo tema experienciado por nós e aplicar aos alunos, visto que contactámos com modalidades novas e diferentes e por isso marcantes.

De forma a realizarmos uma ação de intervenção que vá ao encontro das necessidades do colégio e que envolva o máximo de intervenientes da comunidade escolar, contribuindo positivamente e que, de uma forma enriquecedora, contribua para o desenvolvimento de aprendizagens e competências dos alunos, e ainda no seguimento de um tema muito importante para os alunos do 7º ano, sobre o desporto adaptado e sobre a inclusão de pessoas com deficiência e incapacidade no desporto e na comunidade, propusemos um dia no colégio com atividades onde os alunos possam ter contacto com o desporto adaptado, sendo sensibilizados para a importância e formas de inclusão social. Neste sentido, foram abordados vários desportos, como o voleibol sentado, boccia, goalball, e técnicas de guia. Para além do contacto com as modalidades, o dia incluiu uma palestra de sensibilização com o atleta paralímpico Jorge Pina.

Em retrospectiva considero que foi um dia bem planeado, organizado e marcante para os alunos sendo que esta relevância foi possível de observar através das respostas dadas pelos alunos na reflexão realizada e também nos questionários.

A presença de um atleta paralímpico foi definitivamente o momento alto do dia devido aos alunos poderem escutar a sua vivência como atleta, como ser humano e como a deficiência o mudou, ao mesmo tempo que o fez superar adversidades na vida e o fez ser a pessoa que é hoje em dia.

O principal objetivo desta atividade passava pela continuidade com as aprendizagens obtidas ao longo do roteiro 7, tendo os alunos o contacto com atividades desportivas inclusivas e que simultaneamente entendessem que o Desporto Adaptado foi idealizado e concebido com o objetivo de implementar modalidades desportivas para pessoas com e sem deficiência, permitindo a igualdade de oportunidades no que diz respeito ao livre acesso ao desporto, promover a interação e integração de pessoas com deficiência na comunidade, dar, através do desporto, visibilidade às capacidades dos

indivíduos e não às suas dificuldades, visto que o desporto possibilita a inclusão das pessoas com deficiência na sociedade e por fim, contribuir para a reabilitação dos indivíduos com deficiência na comunidade.

Para terminar este dia marcante para os alunos, o núcleo decidiu realizar uma breve reflexão em sala de aula com os alunos. Pretendeu-se, através um debate oral, a partilha de ideias, vivências, opiniões e experiências mais marcantes em relação ao que experienciaram e escutaram durante as diversas atividades. Pretendíamos, principalmente, com este momento, que os mesmos se consigam expressar sobre o que acharam do dia, o que de mais importante retiraram e apreenderam, as adaptações realizadas para que todos possam praticar desporto, a importância da inclusão de pessoas com deficiência/incapacidade na comunidade e o quão importante é sabermos colocar-nos no lugar do outro, experienciar as suas dificuldades e níveis de superação requeridos para o dia a dia e para o desporto, assim como saber agir para a sua integração na sociedade.

Para além disso, após uma conversa inicial e breve, com a finalidade de percebermos o que estes são capazes de exprimir em relação ao que experienciaram, preencheram um pequeno questionário (analisar anexo 2) de forma que os organizadores do dia pudessem entender aspetos como: o que os marcou mais, como descreveram o dia, qual a sua opinião em relação aos desportos escolhidos, entre outras.

Por outro lado, questionámos também os restantes professores que acompanham o 7º ano de escolaridade no sentido de sabermos a sua opinião sobre os vários aspetos presentes neste dia. Para tal, criámos várias questões (analisar anexo 4) onde os mesmos tinham de selecionar o grau de satisfação que mais se adequa à sua opinião, podendo escolher entre os valores 1 (muito fraco) e 5 (muito bom). No final do inquérito, esteve disponível um espaço destinado à apresentação de sugestões, aspetos a melhorar, opiniões e comentários.

Posso também afirmar que o dia teve sucesso devido às respostas dadas pelos professores do 7º ano ao questionários de satisfação que lhes foi colocado e também devido ao feedback que estes nos deram no sentido que o planeamento e organização foram bem pensados e estruturados, as modalidades escolhidas e o conteúdo das mesmas foram importantes e acima de tudo a foi um dia diferente e muito marcante para os alunos tendo em conta a importância do tema e a predisposição e vontade que os mesmos demonstraram ao longo de todo o dia.

## 7. Os primeiros alunos

### 7.1. Direção de turma

Apesar da direção de turma que acompanhei ao longo do ano de estágio ter sido um grupo S do 7º ano e ter acompanhado o mesmo em todos os assuntos relacionados com a direção de turma e também com a disciplina de educação física, senti que na maior parte do ano letivo estive a acompanhar todo o grupo L do 7º ano, muito devido à minha presença assídua e continua nos dois primeiros tempos de segunda-feira, ou seja, tempos de Roteiros e nos dois tempos de sexta-feira à tarde, ou seja, tempos de TTA, mas principalmente devido à forma como o modelo pedagógico inovador dispõe os grupos.

Numa fase inicial do acompanhamento do grupo, o meu papel passou muito por estar presente em sala de aula. Digo isto, pois senti-me retraído na forma como poderia ajudar os alunos nestes momentos, visto que ainda não estava completamente entrosado no colégio e tendo em conta que nestes momentos encontravam-se os três diretores de turma (DT) do grupo, encontrava-me ainda a descobrir qual seria o meu papel em sala de aula. Posteriormente, com o passar do tempo comecei-me a sentir mais à vontade e com uma maior relação tanto com os professores como com os alunos o que me levou a conseguir interagir e ajudar mais ambos.

Sabendo que o DT carrega consigo uma tripla função, ou seja, uma relação entre os alunos, com os Encarregados de Educação/Pais e com os restantes professores (Santos, 2016), sabia que o meu papel iria passar por estas três funções sempre tentando aprender, observando e analisando, o comportamento, resolução de problemas, relacionamento e comunicação da diretora de turma que acompanhei neste ano de estágio.

Considero que a minha primeira ação relativamente a esta área, não contando com a interação com os alunos que começou desde o primeiro dia, esteve ligada à relação DT-Encarregados de Educação/Pais (Boavista & Sousa, 2013), onde estive presente numa reunião via Zoom, escutando algumas informações que a DT transmitia aos pais sobre o início do ano letivo. Nesta mesma reunião tive a oportunidade de me expressar, aproveitando a oportunidade para me apresentar, desejar um bom ano para cada um dos discentes dos Encarregados de Educação e Pais e também para falar sobre a disciplina de educação física e transmitir algumas informações que foram faladas e definidas na reunião do DEF.

Em relação à atribuição do cargo de DT a um determinado professor, considero que o mesmo deve ser bem pensado, considerando os professores que apresentam em

si o maior número de características que o DT deve ter, mas também pensando na personalidade do mesmo de modo que posteriormente o trabalho deste não seja colocado em causa. Apresentado por Boavista & Sousa (2013), o trabalho do DT não é dignificado e tido em conta, porém tendo em conta o contexto que experienciei considero que o trabalho de todos os DT foi positivamente expresso ao longo do ano muito devido ao trabalho que o modelo pedagógico do CPA coloca nos professores.

Apresentado pelo Decreto-Lei nº 115-A/98 e pelo Decreto-Regulamentar nº10/99 o Governo decreta no artigo 7º que compete ao DT: 1 – Assegurar a articulação entre os professores da turma e com os alunos, pais e Encarregados de Educação; 2 – Promover a comunicação e formas de trabalho cooperativo entre professores e alunos; 3 – Coordenar, em colaboração com os docentes da turma, a adequação de atividades, conteúdos, estratégias e métodos de trabalho à situação concreta do grupo e à especificidade de cada aluno; 4 – Articular as atividades da turma com os pais e Encarregados de Educação promovendo a sua participação; 5 – Coordenar o processo de avaliação dos alunos garantindo o seu caráter globalizante e integrador; 6 – Apresentar à direção executiva um relatório crítico, anual, do trabalho desenvolvido.

Para além do meu acompanhamento em sala de aula com os alunos e desta reunião de início de ano, os professores do 7º ano reuniam-se semanalmente às quartas-feiras da parte da tarde para falar sobre a organização da semana de aulas seguinte assim como para resolver determinados assuntos. Numa fase inicial do ano letivo a minha presença nestas reuniões era assídua e utilizava estes momentos para prestar atenção, de uma forma geral, à maneira como todos os professores trabalhavam e discutiam os assuntos definidos e de uma maneira mais específica e pormenorizada em relação ao comportamento da DT que acompanhei. Porém chegando a uma fase mais avançada do estágio e começando a ficar com mais documentos e projetos para realizar e entregar, tomei a decisão de estar presente nas reuniões semanais consoante o trabalho que tivesse realizado e/ou caso se debatesse um assunto específico.

Tendo chegado ao fim de ambos os semestres, foi momento do Concelho de Turma (CT) se reunir e discutir as classificações, progressos ou regressões e desenrolar de cada semestre em relação a cada aluno..

O Decreto-lei nº6/2001 determinou, quando colocado em ação que os DT para além da gestão do currículo iriam também a ter a função de liderar o CT (Calca, 2012). Considero que, no CPA, entre o 5º e o 9º ano, segundo o modelo pedagógico inovador, não existe uma pessoa que domine ou que tenha um maior destaque relativamente à liderança destas reuniões, pois tendo em conta este modelo e a maneira como os grupos estão, esta mesma liderança é partilhada no sentido em que, cada DT lidera a

reunião quando chega o momento de discutir assuntos relacionados com os alunos da sua direção de turma.

Realizando uma comparação reflexiva, entre as reuniões semanais ao longo do ano letivo e as duas reuniões do CL, relativamente à minha contribuição, considero que as reuniões do CL foram bastante diferentes num sentido mais positivo e onde me exprimi mais. Posso afirmar, que esta minha maior expressão está relacionada com o ser o professor de educação física e ser eu o responsável pela educação dos alunos nesta disciplina, competindo-me falar da mesma.

Analisando a primeira competência presente no guia de estágio, considero que a mesma foi bastante positiva e bem apreendida. Ao longo do ano de estágio, consegui observar e perceber a forma com a DT dialogava com os colegas, alunos e Encarregados de Educação e Pais, como preparava os seus assuntos para as várias reuniões e a maneira atenta como tinha noção dos vários acontecimentos de todo o grupo e da sua direção de turma ao mesmo tempo que sabia resolver os vários imprevistos ocorridos. Refletindo sobre a DT em particular posso dizer que tive alguém exemplar no cargo e com quem aprendi bastante, tendo adquirido bases a utilizar no futuro, caso me seja atribuído o cargo.

## 7.2 Estudo de turma

Falando agora sobre a segunda competência associada a este tópico do guia de estágio, que diz respeito à realização do Estudo de Turma, posso afirmar que a mesma foi concretizada com sucesso e apreciada por todos os professores que dizem respeito ao CT do 7º ano de escolaridade.

Visto que o objetivo final do estudo de turma passava por conseguir obter uma caracterização de cada aluno do grupo em relação à demografia, sociografia e sociometria, assim como aspetos de cariz psicológico dos alunos, a sua relação e coesão, à sua agenda social em relação ao colégio, à escolarização e ao processo educativo, hábitos e interesses, o núcleo de estágio reuniu-se múltiplas vezes para idealizar o questionário que os alunos dos três grupos iriam preencher.

Durante a criação do estudo de turma, cada um dos elementos do núcleo de estágio conversou com os DT do seu grupo, para que conseguíssemos definir o melhor momento para os alunos preencherem o questionário.

Os alunos responderam às questões através da plataforma do colégio que tem incorporado a plataforma forms e que me possibilitou transferir, de forma direta, os dados para formato Excel. Após os mesmos responderem às questões presentes no estudo de turma foi-me possível poder começar a analisar as respostas dadas pelos

alunos e simultaneamente começar a criar o documento Word para entregar ao orientador do colégio e também a apresentação PowerPoint para apresentar em CT a todos os professores do 7º ano.

Disponibilizado pelo coordenador do 1º e do 3º ciclo, foi-me possível analisar a parte sociométrica do estudo de turma através do programa *Walsh's Classroom Sociometrics*. De forma a conseguir concretizar os vários pontos referentes ao estudo sociométrico, o núcleo criou duas perguntas colocando em dois cenários distintos pretendendo analisar as relações entre os alunos a nível escolar e a nível social (fora do colégio e nos tempos de recreio). Assim, para perceber as relações dentro da sala de aula, colocou-se a questão “As ilhas vão mudar e podes ser tu a escolher com quem queres trabalhar. Escolhe 3 colegas (primeiro e último nome), do teu grupo L, com quem preferes trabalhar em ilha”. Para perceber as relações fora do contexto escolar colocou-se a questão “Escolhe 3 colegas, do teu grupo L, que convidarias para a tua festa de anos”. Referir que ambas as questões foram colocadas no sentido positivo como no sentido negativo.

Realizada a análise de todas as respostas ao Estudo de Turma, foi momento de apresentar os resultados em CT. Para a apresentação, tendo ficado definido entre os estagiários e o orientador do colégio que tínhamos 10 minutos, tive que reunir a informação que a meu ver seria de maior relevo para os professores do 7º ano.

Refletindo sobre o momento em que apresentei os resultados aos professores, posso dizer que o mesmo se desenrolou de forma normal, calma e confiante no que estava a transmitir aos meus colegas, tendo sentido que a mesma foi muito bem recebida, visto que concordaram com a informação transmitida e em alguns momentos existiu um pequeno debate.

Assumo que, apesar de ser uma apresentação, como tantas que já realizei ao longo destes quatro anos de formação inicial, considero que esta tinha um peso acrescido e posso dizer que de certa forma me encontrava um pouco mais nervoso do que o habitual. Expresso-me desta forma tendo em conta que me encontrava perante professores com vários anos de experiência e pretendia apresentar uma boa imagem do meu trabalho que no fim seria analisado e utilizado pelos mesmos.

## 8. Conclusão

Crio este tópico refletindo todo um ano de estágio que experienciei no qual consegui adquirir bases importantíssimas para o meu futuro, como professor da disciplina de educação física. Foi um ano único, como não voltarei a ter na minha carreira, onde fui recebido de braços abertos numa instituição que se preocupa com os seus docentes e lhes fornece todas as condições para conseguirem dar uma educação positiva e marcante aos alunos que ali estudam.

Pessoalmente, senti um apoio incontestável por parte de todos os professores, principalmente daqueles que fazem parte do DEF e em particular do orientador do colégio e da professora que me acompanhou nesta minha viagem de formação e que constantemente se disponibilizou para me ajudar a melhorar vários aspetos e competências essenciais para um professor de educação física. Com estas ajudas consegui realizar um percurso ascendente e claramente positivo. Comecei com várias dificuldades principalmente em conseguir perceber como lecionaria uma aula para 50 alunos, de que maneira os organizaria e qual seria o formato que pretendia aplicar nas minhas aulas devido à falta de experiência relativamente ao lecionar aulas, mas consegui progressivamente colmatar as mesmas, podendo afirmar que me encontro preparado para ser docente e realizar um bom trabalho enquanto professor, quer seja nos diferentes momentos de avaliação, de planeamento, organização ou condução. Em relação às maiores aprendizagens sinto que adquiri uma grande capacidade de planear, de anteceder imprevistos e de me adaptar de forma rápida a alterações inesperadas que afetassem as aulas inicialmente planeadas. Considero que as duas primeiras aprendizagens referidas foram conseguidas devido ao método de trabalho ao longo de todo o estágio, no sentido em que consegui realizar e entregar todos os diferentes planos nas datas definidas.

Chegando ao fim do ano de estágio, o sentimento é de alegria, mas simultaneamente de tristeza e de saudade, no sentido em que, devido à ligação criada com os professores, alunos do meu grupo, alunos de outros anos e jogadoras das equipas de voleibol, pretendia que esta ligação e momentos vividos pudessem ser continuados, pois os momentos foram demasiado marcantes.

Estarei sempre agradecido por tudo o que me proporcionaram e por toda a aprendizagem que adquiri para que saísse um melhor profissional comparativamente ao que entrou nesta instituição.

Simplesmente um agradecimento muito grande a todos os que fizeram parte desta minha jornada.

## Referências bibliográficas

- Aprendizagens Essenciais. *República Portuguesa*, Educação Julho de 2018.
- Araújo, F. (2015). A Avaliação Formativa e o seu impacto na melhoria da aprendizagem. [Tese de doutoramento, Faculdade de Motricidade Humana]. Repositório Aberto da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.5/8344>
- Boavista, C., & Sousa, Ó. (2013). O Diretor de Turma: Perfil e competências. *Revista Lusófona de Educação*, 23(23), 77-93.
- Brookhart, S. (2001). *Successful student's formative and sumative uses of assessment information*. *Assessment in Education*, 8(2), 153-169.
- Calca, J. (2012). *O trabalho colaborativo: O Concelho de Turma e os Grupos Disciplinares*, numa perspetiva integradora. [Tese de mestrado, Faculdade de Educação Física e Desporto da Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias] Repositório Científico Lusófona. <http://hdl.handle.net/10437/3631>
- Carreiro da Costa, F., Carvalho, L. M., Onofre, M. S., Diniz, J. A., & Pestana, C. (1996). Formação de professores em Educação Física. Concepções, Investigação, Prática. Ciências da Educação. Lisboa: Edições FMH
- Carvalho, L. (1994). Avaliação das Aprendizagens em Educação Física. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 10-11, 135-151.
- Costa, J., Onofre, M., Marques, A., & Martins, J. (2013). A relação do trabalho coletivo do grupo de educação física com a gestão da ecologia da aula. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 37, 61-80.
- Fernandes, D. (2007). A avaliação das aprendizagens no Sistema Educativo Português. *Educação e Pesquisa*, 33(3), 581-600. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022007000300013>
- Frisby, N., & Martin, M. (2010). *Instructor–Student and Student–Student Rapport in the Classroom*. *Communication Education*, 59(2), 146–164. <https://doi.org/10.1080/03634520903564362>
- Freitas, D. C., Farias, G. O., Pereira, M., Rosa, A., Trusz, R., & Faria, G. (2016). Formação continuada de professores de educação física. 20(03), 9-21.
- Gonçalves, C. (1991). Educação Física e Desporto Escolar: Complementaridade e Interdependência *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 2-3, 75-87.

- Jesus, P., & Azevedo, J. (2021). Inovação educacional. O que é? Porquê? Onde? Como? *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, (20), 21-55. <https://doi.org/10.34632/INVESTIGACAOEDUCACIONAL.2020.9683>
- Lopes, J., Silva, H., Morais, E. (2019). Teste do Pensamento Crítico e Criativo para estudantes do ensino superior. *Revista Lusófona de Educação*, 44 (44), 173–189.
- Lucas, M., Pereira, B., Monteiro, A. (2012). Desporto Escolar: Uma construção a partir dos valores. Em *Atividade Física, Saúde e lazer. O Valor Formativo do Jogo e da Brincadeira*. (pp. 153-165). Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho.
- Martins, J., Gomes, L., & Carreiro da Costa, F. (2010). Técnicas de ensino para uma educação física de qualidade em educação física escolar: *Referenciais para o ensino de qualidade* (pp. 53-85). Casa da educação física.
- Ministério da Educação. (2001). Programa Nacional de Educação Física - Ensino Secundário. Lisboa: Ministério da Educação.
- Mialaret, G. A. (1981). *Formação de Professores*. Coimbra: Livraria Almedina
- Onofre, M. (1996). *A Supervisão pedagógica no contexto da formação didática em Educação Física*. In F. Carreiro da Costa, L. Carvalho, M. Onofre, J. Diniz & C. Pestana (Eds.), *Formação de Professores de Educação Física: Conceções, Investigação, Prática* (pp. 75-118). Lisboa: Edições FMH.
- Ribeiro, J., Sim Sim, C., Flores, H., & Pereira, J. (2016). Expressão físico motora e desporto escolar no 1º ciclo do ensino básico. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 40, 59-68.
- Rosado, A. & Ferreira, V. (2009). *Promoção de ambiente positivo de aprendizagem*. In A. Rosado & I. Mesquita (Eds.), *Pedagogia do Desporto*, (pp.185-206). Cruz Quebrada: Edições FMH.
- Rosado, A., & Ferreira, V. (2011). Promoção de ambientes positivos de aprendizagem. *Pedagogia do desporto*, 185-206.
- Saloio, M. & Morales-Lozano, J. (2017). *Conselho de Turma: organização, liderança e autonomia*. *Revista Lusófona de Educação*, 35(35), 101-118.
- Santos, F. (2016). O Papel do Diretor de Turma como mediador na escola e na comunidade. [Tese de mestrado, Universidade Fernando Pessoa] Repositório Institucional da Universidade Fernando Pessoa. <http://hdl.handle.net/10284/6930>
- Sobral, F. (1991). *Desporto Escolar e Desporto Federado: os Traços de Diferença*. Sociedade Portuguesa de Educação Física. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 2-3, 11-19.

- Teixeira, M., & Onofre, M. (2009). *Dificuldades dos professores estagiários de educação física no ensino. Sua evolução ao longo do processo de estágio pedagógico*. Asociación Iberoamericana de Didáctica Universitária (AIDU), Universidades de Santiago de Compostela.
- Živković, S. (2016). A Model of Critical Thinking as an Important Attribute for Success in the 21st Century. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 232, 102–108. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2016.10.034>

### **Documentos consultados**

- Colégio Pedro Arrupe (2021). Regulamento Interno.
- Colégio Pedro Arrupe (2021/2022). Atividades de Complemento Curricular (ACC).
- Colégio Pedro Arrupe (2021). Projeto Educativo.
- Faculdade de Motricidade Humana (2022). Guia de estágio 2021-2022. Documento não publicado.

## Anexos

### Anexo 1 – Questões utilizadas no questionário de reflexão sobre o Dia do Desporto Adaptado

1. Expressa-te sobre o momento que mais te marcou no dia dedicado ao Desporto Adaptado.
2. Se tivesses de descrever o dia do Desporto Adaptado em três palavras, quais seriam?
3. Na tua opinião, o que poderia ter corrido melhor relativamente à organização definida para este dia (rotações dos grupos, abertura do dia e fecho do dia)?
4. Na tua opinião, o que poderia ter corrido melhor relativamente aos conteúdos que aprendeste ao longo do dia (palestra e estações de cada desporto)?
5. O desporto é um meio para desenvolver práticas inclusivas. Dá a tua opinião sobre a frase apresentada.
6. Refere a importância que o Desporto Adaptado tem para a inclusão de todas as pessoas na comunidade.

**Anexo 2** – Questões utilizadas no questionário de satisfação aplicado aos professores do 7º ano de escolaridade

1. Classifique, de 1 a 5, o processo de organização levado a cabo pelos professores-estagiários para a operacionalização do Dia do Desporto Adaptado;
2. Classifique, de 1 a 5, a forma como os intervenientes (professores-estagiários) foram capazes de envolver a comunidade escolar;
3. Classifique, de 1 a 5, a qualidade da organização e calendarização das atividades (organização das turmas pelas estações) do Dia do Desporto Adaptado;
4. Classifique, de 1 a 5, o seu grau de entusiasmo e participação no Dia do Desporto Adaptado;
5. Classifique, de 1 a 5, o grau de entusiasmo e participação dos alunos no Dia do Desporto Adaptado;
6. Classifique, de 1 a 5, a qualidade de intervenção dos intervenientes (professores-estagiários) ao longo do Dia do Desporto Adaptado;
7. Classifique, de 1 a 5, a relevância do momento de abertura (palestra de sensibilização com Jorge Pina) do Dia do Desporto Adaptado;
8. Classifique, de 1 a 5, o momento de reflexão preparado para o final do dia;
9. Classifique, de 1 a 5, a importância que atribui ao tema selecionado, tendo em conta o roteiro atual;
10. Expresse a sua opinião, sugestões e/ou comentários em relação ao que poderia ter sido melhor estruturado, organizado e preparado para o Dia do Desporto Adaptado.